

# Jorge Luis Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério

## Editorial

Há vinte anos, morria uma das maiores figuras da literatura mundial, o escritor, poeta e ensaísta argentino, Jorge Luis Borges. “Um grande autor universal que sempre leio e releio”, testemunha a Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte, coordenadora adjunta do Curso de Formação de Escritores e Agentes Literários da Unisinos no **IHU Repórter** desta semana.



Bella Jozef, pesquisadora emérita da UFRJ, descreve a estética borgiana, José Maria Poirier, diretor da revista argentina *Critério*, que privou da amizade de Borges, narra aspectos da sua vida intelectual, suas leituras e seu caráter, enquanto Noé Jitrik, diretor do Instituto de Literatura Hispano-Americana da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires contextualiza a sua obra no cenário da literatura argentina, latino-americana e mundial. Já o escritor argentino Ignacio J. Navarro faz algo inédito: relaciona a obra de Jorge Luis Borges com a do teólogo Hans Urs von Balthasar. Segundo Navarro, “a obra de Borges apresenta, constantemente e com intensidade, o que poderíamos chamar de um verdadeiro *teotropismo*”. E continua: “Em Borges é permanente a preocupação pela linguagem, por seus alcances e limites. Seus textos manifestam o anelo por uma “palavra única” que fosse capaz de conter, pronunciar, produzir e comunicar a totalidade da realidade em sua beleza; e isso *simultaneamente*. Essa palavra é vedada ao pronunciamento humano, porém se pode esperar que, de alguma maneira, ela se pronuncie a si mesma, seja capaz de manifestar-se”.

Enfim, esperamos que, com esta edição da **IHU On-Line**, possamos seguir a recomendação de Félix Duque, catedrático de Filosofia da Universidade Autônoma de Madrid, na entrevista publicada nesta edição: “Leiam-no, e deixe-se levar. Em todas as partes, está o *Aleph*, mesmo que não se busque”.

*Como o Universo foi formado e como a vida apareceu nele?* é o tema da segunda conferência do Ciclo de Estudos Desafios da Física para o século XXI a cargo do Prof. Dr. Ênio Frota da Silveira, docente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-

Rio) que concede uma interessante entrevista sobre o tema nesta edição. Aliás, na semana passada as *Notícias Diárias* da página [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) publicaram uma entrevista com o *pai* da inflação cósmica, Alan Guth, e uma síntese das respostas dadas à instigante pergunta de Stephen Hawking: A espécie humana sobreviverá?. As duas matérias podem ser lidas também nesta edição.

*Le Couperet* (O Corte), de Costa-Gravas, é o filme da semana. Segundo Costa-Gravas, diretor de filmes como *Missing* e *Z*, “a ideologia econômica avança claramente sobre o humanism, e eu não posso ficar insensível a isso”.

Juntamente com o filme *El Método (O que você faria?)*, comentado na edição da **IHU On-Line** da semana passada, este filme foi tema do artigo *Neoliberalismo: a visão do cinema*, de autoria de Moacyr Scliar, publicado no jornal *Zero Hora*, em 26-8-2006. Mais referências podem ser encontradas na página eletrônica do IHU.

A todas e todos uma boa semana e uma ótima leitura!

**Editorial** pág. 2

## **Tema de capa**

**Biografia** pág. 5

**Cronologia** pág. 7

## **Entrevistas**

**Bella Josef:** A estética borgiana pág. 10

**José Maria Poirier:** “Praticava a amizade como culto e a ironia como virtude” pág. 14

**Ignácio J. Navarro:** Borges e Von Balthasar. Uma leitura teológica pág. 17

**Noé Jitrik:** Borges e a literatura argentina pág. 24

**Félix Duque:** Borges, o fazedor de histórias pág. 27

## **Brasil em foco**

**Fábio Konder Comparato:** “Não há menor diferença substancial entre o governo FHC e o governo Lula” pág. 33

## **Destaques da semana**

### **Teologia Pública**

**Antônio Donato Nobre:** Amazônia, fé e ciência pág. 38

**A substituição do astrônomo do Vaticano. “Darwinista demais?”** pág. 41

### **Entrevista da Semana**

**Alan Guth:** “Exploramos o “bang” do Big Bang”, afirma o pai da inflação cósmica pág. 42

### **Deu nos jornais**

pág. 45

### **Frases da semana**

pág. 48

### **Notícia em destaque**

pág. 49

### **Destaques on-line**

pág. 51

### **Filme da Semana**

*O corte* pág. 52

**IHU em revista**

**Memória**  
pg. 54

**Eventos**  
pg. 58

**IHU Repórter**  
pg. 74

**Cartas do leitor**  
pg. 76

# Biografia

## Jorge Luis Borges (1899 –1986)

“Não criei personagens. Tudo o que escrevo é autobiográfico. Porém, não expesso minhas emoções diretamente, mas por meio de fábulas e símbolos. Nunca fiz confissões. Mas cada página que escrevi teve origem em minha emoção”

(Jorge Luis Borges)

O escritor, poeta e ensaísta argentino mundialmente conhecido por seus contos, Jorge Luis Borges, nasceu no dia 24 de agosto de 1899 em Buenos Aires. Aos oito anos de idade, escreveu seu primeiro conto *La visera fatal* (1906). Oitenta anos mais tarde, mesmo cego e encurvado sob o peso da idade ainda prosseguia ditando palavras, Primeiro para a mãe, Leonor; depois para a secretária particular, amiga e finalmente esposa, Maria Kodama. Seguiu publicando belos livros, que ditava por inteiro. Esperava o Nobel, que não chegou até a sua morte em 1986. Traduziu, aos nove anos, *O Príncipe Feliz*, de Oscar Wilde (1908), que foi publicado no jornal *El País*, de Buenos Aires. Essa precocidade não deveria espantar, pois mesmo antes de falar espanhol, sua avó paterna lhe ensinara a falar inglês. Tinha fascinação pelo idioma ianque e, mais tarde, ao lado de Maria Kodama, principiou a estudar o inglês antigo. Dizia ter lido pouco: Dickens, Tolstoi, Eça de Queiroz...; dizia ter escrito alguns livros, somente; dizia que se tivesse nascido séculos antes sequer seria lido; quem sabe, seria ignorado. Autores eram, para ele, Dante, Shakespeare, Virgílio...

Depois de participar do movimento vanguardista literário espanhol denominado ultraísmo, Borges (ao retornar à Argentina) filiou-se ao movimento modernista. Durante aproximadamente sete anos escreveu uma série de ensaios, contos e poesias, mas só em 1928 a crítica rendeu-se ao talento do argentino. Sua obra refletia a erudição conquistada desde a infância, sob a influência da mãe Leonor, da avó paterna e do pai advogado e professor, Jorge Guillermo Borges. Perdera a vista – como leitor – no ano de 1955.

O escritor argentino, Jorge Luís Borges, morreu como um dos monstros sagrados da literatura universal. Deixou uma obra incomparável em língua espanhola, sobretudo pela capacidade inventiva e pelo poder de suas metáforas de transcendência filosófica. Nos seus últimos anos de vida, viajou incansavelmente pelo mundo com a esposa, Maria Kodama, ex-aluna e secretária particular. Passava no máximo dois ou três dias em cada lugar, não dando muita importância nem para a cegueira nem para a velhice. Um tigre. Mas houve um tempo de tamanha angústia em que ansiava pela morte, e com tal sofreguidão que a certa altura afirmou que morrer para ele era a última esperança. Estava convicto disso. Um dos poemas feitos em sua homenagem, “Buenos Aires”, fala desse momento crucial: “...Debaixo da infelicidade a maior esperança:/ morrer/ quando as luzes se apagam/ e sob as sombras da lua/ não há quase nada”. Sua obra destaca-se por abordar temáticas, como filosofia, metafísica, mitologia e teologia, em narrativas fantásticas onde figuram os “delírios do racional”, expressos em labirintos lógicos e jogos de espelhos.

Texto extraído dos sites: <http://pt.wikipedia.org/>;  
[http://www.artelivre.net/html/literatura/al\\_literatura\\_jorge\\_luis\\_borges.htm](http://www.artelivre.net/html/literatura/al_literatura_jorge_luis_borges.htm)

# Cronologia

**1899** | Borges nasce a 24 de Agosto, em Buenos Aires, filho de Jorge Guillermo Borges e de Leonor Acevedo.

**1922** | Fundação da revista de *Proa*.

**1923** | Publicação do seu primeiro livro de poemas, *Fervor de Buenos Aires*, que reeditaria com bastantes revisões nas *Obras completas*. São os anos da vanguarda do grupo Martín Fierro (onde estava, entre outros, o poeta Oliverio Girondo) e da influência do *ultraísmo* espanhol com que Borges contatara em 1919, durante uma viagem a Espanha.

**1925** | Edição do livro de poemas *Lua de Frente* e do conjunto de ensaios *Inquirições*.

**1926** | Publica *El tamaño de mi esperanza*, o segundo dos três volumes de ensaios que renegaria e eliminaria das *Obras completas*.

**1927** | Ano de um texto chave: *Conto policial*, relato que é publicado na revista *Martín Fierro*<sup>1</sup>.

**1928** | *El idioma de los argentinos*, terceiro e último título dos textos renegados por Borges. Obtém o Segundo Prêmio Municipal.

**1929** | *Caderno de San Martín*, poemas.

**1930** | Publica *Evaristo Carriego*, biografia. Borges termina a primeira etapa da sua obra.

**1931** | Inicia o seu trabalho em *Sur*, revista dirigida por Victoria Ocampo<sup>2</sup>.

**1932** | *Discussão*, primeiro livro de ensaios que Borges aceita nas suas *Obras completas*.

**1935** | Edição de *História Universal da Infância* (ficção): resultado de anos de trabalho no suplemento do diário *Crítica*.

**1936** | *História da Eternidade*.

**1941** | Publica *O jardim dos caminhos que se bifurcam*.

**1942** | Começa a colaboração literária com Adolfo Bioy Casares<sup>3</sup>, com quem escreve livros policiais.

**1943** | *Poemas (1922-1943)*.

**1944** | Edição de *Ficções*, volume de contos considerado como uma das obras maiores da literatura do século XX. A este livro pertencem textos como *O Sul*, *O fim* e *A morte e a bússola*.

---

<sup>1</sup> **Martín Fierro**: anti-herói dos pampas, personagem criado pelo escritor argentino José Hernandez. (Nota *IHU On-Line*)

<sup>2</sup> **Victoria Ocampo** (1890-1979): escritora argentina. Fundou a revista *Sur* e foi a primeira mulher a ingressar na Academia Argentina de Letras. (Nota *IHU On-Line*)

<sup>3</sup> **Adolfo Bioy Casares** (1914-1999): um dos escritores argentinos mais importantes do Século XX. A sua obra literária, de incontestável importância e reconhecimento mundial, conta com romances como: *Plan de evasión*, *La trama celeste*, *Diario de la guerra del cerdo*, *La invención de Morel*, *El heróe de las mujeres*, *Una muñeca rusa*, entre muitos outros. (Nota *IHU On-Line*)

- 1945 | Obtém o Grande Prêmio de Honra da SADE (Sociedade Argentina de Escritores).
- 1946 | *Dos fantasías memorables* e *Un modelo para la muerte*, em colaboração com Bioy Casares.
- 1949 | É o ano de *O Aleph*, um livro de contos considerado a segunda obra-prima de Borges.
- 1950 | É designado presidente da SADE<sup>4</sup>.
- 1952 | *Outras inquirições*.
- 1953 | Dá-se início às *Obras completas*.
- 1954 | *Poemas* (1923-1953).
- 1955 | É nomeado diretor da Biblioteca Nacional e professor na Faculdade de Filosofia e Letras. *Los orilleros* e *El paraíso de los creyentes*, em colaboração com Bioy Casares, dois guias cinematográficos.
- 1956 | Recebe a distinção Honoris Causa da Universidade de Cuyo (províncias de Mendoza, San Juan e San Luis).
- 1957 | Prêmio Nacional de Literatura.
- 1958 | *Poemas* (1923-1958).
- 1960 | *O fazedor*, livro de poemas e textos em prosa.
- 1961 | Compartilha com Samuel Beckett o Prêmio *Formentor*.
- 1963 | Grande Prêmio do Fundo Nacional das Artes.
- 1964 | *O outro, o mesmo*, poemas.
- 1965 | *Para as seis cordas*, milongas que Astor Piazzola musica.
- 1967 | *Crônicas de Bustos Domecq*, em colaboração com Bioy Casares. *Obra poética* (1923-1967).
- 1968 | *Nova Antologia Pessoal* e *Manual de zoología fantástica*, este último em colaboração com Margarita Guerrero.
- 1969 | *Elogio da sombra*, poemas. Tradução de *Leaves of grass*, do poeta norte-americano Walt Whitman.
- 1970 | *O relatório de Brodie*, volume de contos. Prêmio de literatura da Bienal de São Paulo (Brasil). É editada uma autobiografia em inglês.
- 1971 | Doutor Honoris Causa das universidades de Oxford e Columbia.
- 1972 | Doutor Honoris Causa da universidade de Michigan. Publica *O ouro dos tigres*, poemas.
- 1974 | Primeira edição num único volume das *Obras completas*, onde realiza uma minuciosa tarefa de leitura da sua própria obra.

---

<sup>4</sup> SADE: Sociedade Argentina de Escritores. (Nota *IHU On-Line*)

- 1975 | *O livro de areia*, relatos, e *A rosa profunda*, poemas. A sua mãe morre.
- 1976 | *A moeda de ferro*, poemas.
- 1977 | *História da noite* e *Nuevos cuentos de Bustos Domecq*, em colaboração com Bioy Casares.
- 1979 | Edição das *Obras completas em colaboração*. Prêmio Cervantes.
- 1980 | *Sete Noites*.
- 1981 | *A Cifra*.
- 1982 | *Nove ensaios dantescos*.
- 1984 | *Atlas*.
- 1985 | *Os conjurados*.
- 1986 | Morre em Genebra, a 14 de Julho de 1986. Pouco antes casara com Maria Kodama.

# A estética borgiana

Entrevista com Bella Jozef

“Foi um temperamento mais metafísico do que místico, mas as hipóteses que propõe não coincidem necessariamente com suas crenças: escolhe uma ou outra das muitas possíveis”, afirma a pesquisadora emérita da UFRJ, Bella Jozef, em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*, sobre o escritor argentino Jorge Luis Borges. Segundo ela, Borges é poeta mas também um estudioso da realidade objetiva.



“Descobre que habitamos o maravilhoso, o extraordinário, o que somos no prisma do humano, no que é a base para o entendimento do eterno”.

Jozef é graduada em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e livre-docente pela mesma instituição. Escreveu e organizou mais de vinte obras, dentre as quais destacamos *Antologia da Poesia Argentina (1940-1960)*. São Paulo: Iluminuras, 1990; *Jorge Luis Borges*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1996; *História da literatura hispano-americana*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; Editora Francisco Alves, 2005.

Nascida no Brasil, Jozef é escritora, ensaísta e crítica literária. Dedicou grande parte de suas investigações intelectuais à história da literatura hispano-americana, sobretudo a brasileira. Recebeu diversos prêmios, entre eles *Sílvio Romero* e *Assis Chateaubriand*, da Academia Brasileira de Letras (ABL) e *Ensayo Biográfico*, da Organização dos Estados Americanos (OEA). Participa do suplemento literário dos diários *Minas Gerais*, *Folha de São Paulo*, *Estado de São Paulo* e *O Globo*.

## ***IHU On-Line* - Como conheceu Jorge Luis Borges?**

**Bella Jozef** - Conheci Jorge Luis Borges nos anos 1970, quando era diretora da Biblioteca Nacional, quando ele me foi apresentado por nossa amiga comum, Luisa Mercedes Levinson. Elegantemente vestido, apoiava-se na bengala de madeira escura. Parecia enxergar-me, pelo modo

como olhava em minha direção, os olhos abstratos, a voz indecisa, quase gaguejante, eternizada no gravador. Publiquei a entrevista no *Jornal do Brasil* e a reproduzi no livro que publiquei sobre ele, denominado: *Jorge Luis Borges*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1996. No lançamento, esteve presente Maria Kodama, sua ex-aluna e secretária, com

quem se casou alguns meses antes de morrer. Em Buenos Aires, visitei-o várias vezes, em sua casa na rua Maipu. Tive a oportunidade de proferir uma conferência sobre ele, em Michigan State University, num evento em sua homenagem e com a presença dele, na primeira fila. Naturalmente, eu estava muito preocupada, mas ele concordou com tudo o que eu dizia.

### ***IHU On-Line* - Podemos falar de um estilo "borgiano" de fazer literatura?**

**Bella Jozef** - O estilo borgiano consiste em expressar o essencial por um processo de decantação da própria arte. Para ele, só na arte o real adquire seu verdadeiro significado. Nunca exclui os contrários mas os mantém e integra como elementos constitutivos de sua escrita. Considerava que na contradição está o outro lado, o que falta para criar uma idéia completa de realidade

### ***IHU On-Line* - Qual foi a influência de Borges sobre a literatura latino-americana e quais os autores que mais o influenciaram?**

**Bella Jozef** - Jorge Luis Borges é o mestre da literatura moderna na América Hispânica. Criou textos únicos que o projetaram universalmente porque fizeram nascer a possibilidade de uma nova escrita. Sua contribuição foi da maior importância não apenas para a sua geração, mas às que se seguiram. Preparou o caminho Cortázar<sup>5</sup>, Carpentier<sup>6</sup>, Arreola<sup>7</sup>, Rulfo<sup>8</sup> e García

<sup>5</sup> **Julio Cortázar** (1914-1984): escritor belga, radicado desde os 4 anos na Argentina. De 1951 até sua morte viveu na França. Sua obra mais conhecida é *O jogo da amarelinha* (1963). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>6</sup> **Alejo Carpentier** (1904 - 1980). Escritor cubano. De pai francês e mãe russa, Carpentier reflete essa circunstância no seu cosmopolitismo. Nos anos 1930 publica *Pasión negra* (poemas) e *Ecué Yamba-O* (romance). Após um longo silêncio, em 1948 publica *El reino de este mundo*, romance em que capta o realismo mágico do continente americano,

Márquez<sup>9</sup>, para só citar alguns. Suas fontes são surpreendentes: Schopenhauer<sup>10</sup>, Stevenson<sup>11</sup>, Chesterton<sup>12</sup>, Henry James<sup>13</sup>, De Quincey<sup>14</sup>, Conrad, Bernard Shaw<sup>15</sup>, - todos eles citados com grande frequência..

### ***IHU On-Line* - Haveria uma estética borgiana?**

baseando-se numa intriga referente ao primeiro imperador negro do Haiti. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>7</sup> **Juan José Arreola Zúñiga** (1918-2001): escritor mexicano. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>8</sup> **Juan Rulfo** (1917-1986): escritor mexicano considerado o principal precursor do chamadorealismo mágico latino-americano. Escreveu, entre outras obras, *El llano en llamas* e *Pedro Páramo*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>9</sup> **Gabriel García Márquez** (1928): escritor colombiano, autor de *Crônica de uma morte anunciada*. 26. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>10</sup> **Arthur Schopenhauer** (1788-1860): filósofo alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1815) seja o mais conhecido. Friedrich Nietzsche foi grandemente influenciado por Schopenhauer, que introduziu o budismo e a filosofia indiana na metafísica alemã. Schopenhauer, entretanto, ficou conhecido por seu pessimismo e entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>11</sup> **Robert Louis (Balfour) Stevenson** (1850-1894): romancista, poeta, escritor escocês, representante do neo-romantismo na literatura inglesa. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>12</sup> **Gilbert Keith Chesterton** (1874 - 1936): escritor britânico. crítico e autor de versos, ensaios, novelas e de curtas histórias. É, provavelmente, mais conhecido por sua série sobre o padre-detetive Father Brown, que apareceu em 50 histórias. Entre 1900 e 1936, Chesterton publicou cerca de cem livros. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>13</sup> **Henry James** (1843-1916): escritor e crítico literário americano. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>14</sup> **Thomas de Quincey** (1785-1859): escritor e intelectual inglês. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>15</sup> **George Bernard Shaw** (1856-1950): crítico literário socialista, e uma das principais figuras século XX. Shaw foi um pensador livre, um defensor dos direitos das mulheres e um advogado da igualdade de renda. Em 1925, ao receber o prêmio Nobel de literatura, aceitou a honra, mas recusou o dinheiro. (Nota da *IHU On-Line*)

**Bella Jozef** - A estética borgiana obedece a uma contínua busca metafísica. Em sua estética, as categorias fundamentais - tempo, espaço, a identidade do ser - são desarticuladas, para serem reconstruídas com rigor e liberdade. A formulação estética de Borges desconstrói o modernismo<sup>16</sup>: transforma a realidade e fragmenta o tempo, relativizando a forma em sua crítica do sujeito. Com isso, anuncia a pós- modernidade.

**IHU On-Line- De que forma Borges procurava depurar os cânones modernistas?**

**Bella Jozef** - Na depuração dos cânones modernistas, (considerando o modernismo no sentido que tem na América Hispânica), Borges manifestou-se contrário à sensorialidade, ao decadentismo e ao psicologismo. Para o então militante do ultraísmo<sup>17</sup>, o modernismo estava esgotado, e a beleza, tal como vista por Rubén Darío<sup>18</sup> era uma coisa ultrapassada.

**IHU On-Line - O que era a linguagem, a palavra, para Borges?**

**Bella Jozef** - Em seus inícios, exaltou a linguagem oral, empregando transcrições portenhas em seus poemas. Considera um equívoco a idéia de que uma literatura se devesse definir pelos traços

<sup>16</sup> **Movimento modernista**: lançado por Marinetti (Filippo Tomaso Marinetti - 1876-1944), se baseia numa concepção dinâmica da vida, voltada para o futuro, e combate o culto ao passado e à tradição, o sentimentalismo. Prega o amor às formas concisas e velozes. É nacionalista e antipacifista (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>17</sup> **Ultraísmo**: movimento nascido na Espanha, em 1918, em oposição ao modernismo, e que dominou a poesia espanhola até o final do século XIX. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>18</sup> **Félix Rubén García Sarmiento** (1867-1916): conhecido como Rubén Darío. Poeta, jornalista e diplomata nicaraguense, considerado um como o Príncipe das Letras Castelhanas. (Nota da *IHU On-Line*)

diferenciais do país que a produz. Passou a condenar o nacionalismo no que apresentava de limitado e estreito. Aperfeiçoou seu estilo, aprofundou intuições até chegar às fórmulas de simplicidade aparente na linguagem, de complexa e sábia elaboração de alusões, de jogo irônico sutil, de equilíbrio perfeito, de patéticas revelações. O real nasce na obra borgiana da palavra e da ficção. A palavra tornará real o que não nasceu e sintetizará o universo. A arte, através da palavra, funda o mundo e pode fazer-nos participar do absoluto.

**IHU On-Line - O que faz de Borges um autor tão citado em obras não propriamente de literatura, como as obras acadêmicas das mais variadas disciplinas e os autores e cientistas mais variados?**

**Bella Jozef** - Jorge Luis Borges, que instituiu as citações como um elemento importante de seus textos, ao usar, muitas vezes, este processo de intertextualidade para provar outra coisa, num gesto aparentemente humilde, em relação à literatura mundial, provocou em todo o mundo, acadêmico ou não, o desejo de citá-lo. Suas citações, esclarecedoras e sucintas, possuem uma imagística pitoresca, que provoca a identificação daquele que o cita.

**IHU On-Line - Como Jorge Luis Borges enfrentou os problemas de seu tempo?**

**Bella Jozef** - Foi um temperamento mais metafísico do que místico, mas as hipóteses que propõe não coincidem necessariamente com suas crenças: escolhe uma ou outra das muitas possíveis. Com incentivos inesgotáveis à imaginação tratou de decifrar e propor os temas que os “iniciados” conhecem, mitos e idéias que voltam sempre pela sedução particular que exercem sobre o escritor: o fenômeno da criação, as induções

analogias, equivalências e paradoxos, a anulação e interferências do tempo, os anacronismos, a gravidade do absurdo, a precisão do detalhe, as enumerações díspares, as mudanças que são repetições, a brusca solução de continuidade, a redução da vida inteira de um homem a duas ou três cenas, a identidade através da persistência da memória, a negação do eu, as recorrências da História, as duplicações do espaço, os espelhismos do sonho, séculos que equivalem a minutos e segundos que são anos, o tema nietszchiano do eterno retorno, da repetição circular de toda a História, ao sonho sonhado, o caráter alucinatório do mundo, o tigre (velho fantasma da infância), os paradoxos. Borges não se preocupou com o presente, e, sim, com o homem e seu destino sobre a terra. Borges é poeta mas também um analista da realidade objetiva, ou seja, um estudioso da realidade objetiva. Descobre que habitamos o maravilhoso, o extraordinário, o que somos no prisma do humano, no que é a base para o entendimento do eterno. Por isso, não lhe escapam as realidades de Maimônides<sup>19</sup> nem as de Ibn Gabirol<sup>20</sup>, as de Lao Tse<sup>21</sup> nem Pierre Menard<sup>22</sup>. Tudo está no possível.

### ***IHU On-Line* - Que tipo de fazer literário ele questionava?**

<sup>19</sup> **Moshe ben Maimon** (1138-1204): conhecido como Moses Maimônides e Rambam. Filósofo, religioso, codificador rabinico e médico espanhol. De suas obras, a mais famosa é o *Guia dos perplexos*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>20</sup> **Solomon Ibn Gabirol** (1021-1058): também conhecido como Solomon ben Judah, nascido em Málaga, é um judeu-espanhol, poeta e filósofo. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>21</sup> **Lao Tsé** (605 a. C. - 517 a. C.): filósofo chinês. A ele é atribuída a autoria de uma das obras fundamentais do Taoísmo, o *Tao Te Ching*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>22</sup> **Pierre Menard** (1766-1844): político americano. (Nota da *IHU On-Line*)

**Bella Jozef** - Segundo o que me afirmou várias vezes, ele condenava a falta de honestidade intelectual. Envelheceu sempre criança na curiosidade e no assombro ante o universo e seus mistérios.

### ***IHU On-Line* - O que as obras de Borges revelam sobre o ser humano?**

**Bella Jozef** - Permitam-me afirmar que acredito ser difícil encontrar em toda a literatura universal uma reflexão mais aguda sobre a condição humana que o poema *Ajedrez*.

## **Xadrez**

### **I**

Em seu grave rincão, os jogadores  
as peças vão movendo. O tabuleiro  
retarda-os até a aurora em seu severo  
âmbito, em que se odeiam duas cores.  
Dentro irradiam mágicos rigores  
as formas: torre homérica, ligeiro  
cavalo, armada rainha, rei postreiro,  
oblíquo bispo e peões agressores.  
Quando esses jogadores tenham ido,  
quando o amplo tempo os haja  
consumido,  
por certo não terá cessado o rito.  
Foi no Oriente que se armou tal guerra,  
cujo anfiteatro é hoje toda a terra.  
Como aquele outro, este jogo é infinito.

### **II**

Rei ténue, torto bispo, encarniçada  
rainha, torre direta e peão ladino  
por sobre o negro e o branco do caminho  
buscam e livram a batalha armada.  
Desconhecem que a mão assinalada  
do jogador governa seu destino,  
não sabem que um rigor adamantino  
sujeita seu arbítrio e sua jornada.  
Também o jogador é prisioneiro  
(diz-nos Omar) de um outro tabuleiro  
de negras noites e de brancos dias.  
Deus move o jogador, e este a peleja.  
Que deus por trás de Deus a trama enseja  
de peira e tempo e sonho e agonias?

# “Praticava a amizade como culto e a ironia como virtude”

Entrevista com José Maria Poirier

“A personalidade de Jorge Luis Borges era rica e completa. Um homem para o qual a inteligência era o grande tema de sua estética. Não se pode entendê-lo nem julgá-lo a não ser por sua busca literária da beleza. Praticava a amizade como culto e a ironia como virtude”. Com essas palavras o jornalista e crítico literário argentino José Maria Poirier descreve Jorge Luis Borges, com quem se encontrou diversas vezes em entrevistas jornalísticas. Poirier é licenciado em filosofia e crítico literário. Atualmente é diretor da revista **Criterio** em Buenos Aires ([www.revistacriterio.com](http://www.revistacriterio.com)). Jornalista, especializado em cinema e literatura, dirige também o Museu do Cinema de Buenos Aires. José Maria Poirier concedeu a entrevista a seguir à *IHU On-Line por e-mail*.

## ***IHU On-line* - Como foi sua convivência com Jorge Luis Borges?**

**José Maria Poirier** - Tive ocasião de conhecer o Borges pessoalmente (antes o tinha escutado em conferências ou visto na velha Biblioteca Nacional) como resultado de uma entrevista que uma revista estrangeira me solicitou depois de sua viagem ao Japão. Foi uma hora muito interessante e cheia de ironia e amabilidade de seu parte, duas condições que Borges sabia combinar com acerto. Devo supor que gostou da entrevista, porque logo depois de publicada recebi um chamado dele para me convidar para jantar em um restaurante chinês. Ali falou de infinitos poetas e escritores, mas nunca de sua obra. Deu-me de presente, ao final, uma antologia de poesia do Leopoldo Lugones<sup>23</sup> que ele mesmo tinha selecionado e prefaciado em uma edição espanhola. Tempo depois, entendi que não era humildade, e sim uma maneira de voltar a sobrepor-se a seu antigo “mestre” e “inimigo”. Como se me

dissesse: “A Espanha conhece Lugones por mim.” Quando lhe disse que, vivendo muitos anos fora, voltava freqüentemente a seus poemas, emocionado pelas noites, concluiu: “Poirier, sua nostalgia embelezava meus versos”, como se esclarecesse que não era de bom gosto falar de sua obra nesse momento, e muito menos para elogiá-la. Entrevistei-o e visitei-o outras cinco ou seis vezes, e sempre com igual desfrute de minha parte. Era de uma inteligência surpreendente. Em Florença, tive oportunidade de publicar, depois de sua morte em Genebra, um ensaio sobre sua poesia em uma revista italiana de cultura. Na Argentina, publiquei notas e artigos em jornais e revistas. Dei cursos sobre sua obra durante vários anos.

## ***IHU On-line* - Como descreveria a personalidade de Borges?**

**José Maria Poirier** - A personalidade do Jorge Luis Borges era rica e completa. Um homem para o qual a inteligência era o grande tema de sua estética. Possuía uma ampla erudição que ele sabia converter em alta literatura. Não se pode entendê-lo

<sup>23</sup> **Leopoldo Lugones** (1874-1938): escritor e jornalista argentino. (Nota da *IHU On-Line*)

nem julgá-lo a não ser por sua busca literária da beleza. Praticava a amizade como culto e a ironia como virtude.

**IHU On-line - Como caracterizaria a obra de Borges?**

**José Maria Poirier** - A obra do Jorge Luis Borges na narrativa é monumental, troca a tendência barroca própria do espanhol (como sucede também no português e italiano, não como no francês necessariamente) por uma forma elitista. Nisto influi sua admiração pelo inglês, mais conciso e breve. Na poesia, tenta escapar às vanguardas e constituir-se em um poeta fundador, ao estilo antigo e clássico. Baste recordar *Fundação mítica de Buenos Aires*. Por sua vez, antes de internar-se nos temas locais reivindicou o direito de todo escritor "periférico" a não ser pitoresco ou baírrista e poder pensar os temas universais.

**IHU On-line - Há alguma obra paradigmática que marcaria o amadurecimento do escritor?**

**José Maria Poirier** - Na prosa há alguns contos fundamentais: *O aleph*. 7ª ed. São Paulo: Globo, 1989; *O jardim das sendas que se bifurcam (El Jardim de Sendero que se bifurcam)*. Ficciones Alianza, Editora Madrid, Emecê, Editores Buenos Aires, 1971; *A escritura de Deus, O memorial Funes, As ruínas circulares*. In *Ficciones*. Madrid: Alianza Editora, 1997. Em poesia, há um claro e progressivo despojamento até chegar a *Os conjurados* (sua última obra). Borges descreve dos adjetivos e constrói uma poesia substantiva.

**IHU On-line - É verdade que Borges queria ser lembrado como um grande leitor? O que e como lia?**

**José Maria Poirier** - Sim, ele orgulhava-se mais de ter sido um grande leitor, embora reconhecia ter escrito algumas páginas

válidas. Era um leitor sobretudo de enciclopédias. A larga lista de autores preferidos (que vão de Dante Alighieri a Stevenson, Chesterton, Oscar Wilde<sup>24</sup>, Conrad... ficaram registrados em seus múltiplos prólogos).

**IHU On-line - Ele viveu alguma experiência mística através da literatura?**

**José Maria Poirier** - Uma experiência mística subjaz no poema que leva por título uma entrevista do evangelista Mateus e que narra sua visão de uma ponte da ferrovia. A outra, sem dúvida, em *O aleph* é a visão do uno e do todo, à maneira de Plotino<sup>25</sup>. Ali estão todos seus grandes temas: o tempo, Deus, o indivíduo, a simultaneidade de todas as visões...

**IHU On-line - Borges tinha uma certa simpatia pelo budismo?**

**José Maria Poirier** - Não se considerava um homem religioso, mas ético. Sentia simpatia pelo budismo, enquanto tradição religiosa, que não nomeia Deus, e menos um Deus pessoal (coisa que ele considerava impossível). Profundo conhecedor e amante da Bíblia e da tradição religiosa judaica (em especial a

<sup>24</sup> **Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde** (1854-1900): escritor irlandês. Adepto do *esteticismo* (arte pela arte), tornou-se um escritor muito célebre e sofisticado, tanto por sua personalidade (*dandismo*) como por suas obras. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>25</sup> **Plotino** (205-270): filósofo egípcio, discípulo de Amônio Sacas e mestre de Porfírio, que nos legou seus ensinamentos em seis livros de nove capítulos cada, chamados de *As Enéadas (enneadê)*. Acompanhou uma expedição à Pérsia, onde tomou contato com a filosofia persa e indiana. Regressou à Alexandria e, aos 40 anos, estabeleceu-se em Roma. Desenvolveu as doutrinas aprendidas de Amônio numa escola de filosofia com seleto grupo de alunos. Pretendia fundar uma cidade chamada Platonópolis, baseada nos ensinamentos da República de Platão. Plotino dividia o universo em três hipóstases: o Uno, o Nous (ou mente) e a alma. (Nota da *IHU On-Line*)

Cabala<sup>26</sup>), nele havia uma certa intuição do metafísico. Quanto à sua relação com o cristianismo, ver *Cristo na cruz* (em *Os conjurados*).

**IHU On-line - Qual foi sua postura política?**

**José Maria Poirier** - Acredito que no fundo não lhe interessava a política, mas sim o indivíduo.

**IHU On-line - Considera que Borges é mais conhecido fora da Argentina que em seu próprio País? Por quê?**

**José Maria Poirier** - Porque foi um autor universal e porque as mesquinhas locais são muitas. Na Argentina, muitos opinam sobre Borges, mas poucos o lêem. Seus rechaços ao nacionalismo e ao peronismo voltaram-se contra ele. Sempre opinou com plena autonomia e liberdade.

**IHU On-line - Há alguma marca teológica na literatura Borgiana?**

**José Maria Poirier** - Há um "umbral" teológico - se assim pode ser chamado - na obra de Borges, em sua percepção destes temas. Borges chega até a sala de espera do mistério. Definia-se um cético puro. A teologia cristã (o mistério da Trindade, por exemplo) parecia-lhe excessivo até para a literatura fantástica.

**IHU On-line - Qual é o grande legado do autor?**

**José Maria Poirier** - Curiosamente, Borges é um autor sem discípulos, sem "filhos". Pode-se afirmar corretamente que, na literatura espanhola, há um antes e um depois de Borges. Borges mais que ensinar como escrever, soube demonstrar como não se deve fazê-lo.

---

<sup>26</sup> **Cabala:** sistema religioso filosófico que reivindica o discernimento da natureza divina. *Kabbalah* é uma palavra em hebreu que significa *recepção*. (Nota da *IHU On-Line*)

# Borges e Von Balthasar. Uma leitura teológica

Entrevista com **Ignácio J. Navarro**

Ignácio J. Navarro é escritor. Publicou o livro de poesias *El Umbral*. Tiago Biavez, Buenos Aires, 1994. Dedicou-se à crítica literária, entendendo-a como modalidade teológica. A esse respeito, tem publicado várias obras, em colaboração, e vários artigos em revistas, entre as quais podemos destacar *Critério*, de Buenos Aires, e o magazine cultural bilíngüe *Amsterdam Sur*, da Holanda. Há oito anos é membro do Seminário Permanente de Literatura e Teologia do Instituto de Investigações Teológicas da Universidade Católica Argentina, que reúne membros de diversas universidades argentinas.

A entrevista que segue foi concedida por e-mail à *IHU On-Line*. Nela, Navarro caracteriza a obra de Jorge Luis Borges como uma “das poucas necessárias que se produziram na história da literatura”. Para Navarro, a literatura de Borges permanece única, misteriosa, inesgotável e universal.

## ***IHU On-Line* - Como caracterizaria a literatura de Jorge Luis Borges?**

**Ignácio J. Navarro** - Em primeiro lugar, como uma das poucas necessárias que se produziram na história da literatura. Caso contrário, não se entenderia sua estranha universalidade. Borges é lido por multidões de jovens, por acadêmicos, por pessoas das mais diversas ideologias e por gente das mais distintas culturas. Foi traduzido aos idiomas e dialetos jamais imaginados. Poder-se-ia perguntar: O que disse Borges, para que todo o mundo necessite escutar? Por que, uma vez começada a leitura dos textos de Borges, quase todos perseveram nela ao longo de toda a vida, tanto pessoas que não lêem outros autores, como outras que têm muitas e variadas leituras?

A maioria de nós sentimos a poesia e, simultaneamente, sentimos que é algo que não se pode dizer. Chega o poeta e o

diz. E nós sentimos que, se pudéssemos fazê-lo, tê-lo-íamos dito exatamente assim. Borges parece ter encontrado uma palavra para as zonas mais profundas e recônditas que habitam em todos nós e para as interrogações que daí surgem. Cabe assinalar, na literatura de Borges, dois aspectos nos quais ele alcançou uma altura ímpar. Primeiro, no que diz respeito à *menção*, uma perfeição formal inigualável. Segundo, no que se refere à *alusão*, uma capacidade de fazer referência ao inefável de maneira insuperável. Borges sabe tornar presente o mistério, sem privá-lo de sua intangibilidade. Nisso foi um dos grandes mestres.

A literatura de Borges está cheia de matizes, de detalhes. A literatura de Borges permanece única, misteriosa, inesgotável e universal.

**IHU On-Line - Que relações podemos estabelecer entre Borges e o teólogo Von Balthasar?<sup>27</sup> Quais seriam as pedras angulares do pensamento do escritor argentino e do teólogo suíço?**

**Ignácio J. Navarro** - Sobre isso não se escreveu nada. Que eu saiba, é algo que nem sequer tem sido mencionado. Mas, postos a pensar, poderíamos dizer algumas coisas. Em primeiro lugar, como marco mais geral, conviria ressaltar a intensidade com que ambos estabelecem a precedência do fato estético como lugar privilegiado de revelação. Com base em universos mentais muito distintos, ambos entendem que as profundidades do ser dão notícias de si, acima de tudo como manifestação e irradiação que falam a um “olho qualitativo”. Quando a *verdade* e o *bem* são reais, têm que ser evidentes, no sentido de serem óbvios, sim, no sentido de que não de ser *realizados*, manifestados à percepção, não devendo ter necessidade de razões a eles exteriores, que os justifiquem. Tanto na obra de arte como na vida, uma *figura*, uma *forma*, é seu próprio juiz: persuade ou não persuade, dá testemunho de sua excelência ou de sua não-transcendência. Não nos fazem falta mais dogmas nem mais preceitos; a importância espiritual se *vê*. É impossível percorrer aqui a obra destes dois enormes escritores. Cito de passagem e de modo absolutamente arbitrário, alguns textos que quase

---

<sup>27</sup> **Hans Urs Von Balthasar** (1905-1988): teólogo católico suíço. Estudou Filosofia em Viena, Berlim e Zurique, onde doutorou-se em 1929, e em Teologia em Munique e Lyon. Destacou-se como investigador dos santos padres e da Filosofia e Literatura modernas, especialmente a franco-germana. Criou sua própria Teologia, síntese original do pensamento patrístico e contemporâneo. Entre suas obras destacam-se *O cristianismo e a angústia* (1951), *O mistério das origens* (1957), *O problema de Deus no homem atual* (1958) e *Teologia da história* (1959). (Nota da *IHU On-Line*)

parecem ter sido escritos pela mesma pessoa.<sup>28</sup>

Diz von Balthasar: “A primeira coisa que é preciso captar é a indissolubilidade da forma [...] A inspiração de uma grande obra de arte é incompreensível e não pode ser separada do resultado ao qual deu lugar. Resiste a todas as análises que, sem dúvida, poderiam mostrar a proporção e a harmonia das diversas partes, porém nunca sintetizar o todo a partir das partes que o compõem. E, o que permanece incompreensível na evidência de sua beleza é precisamente o todo [...] A quem não é capaz de ver e compreender a forma, também lhe escapa o conteúdo. E, a quem a forma não ilumina, tampouco o conteúdo lhe trará alguma luz”.<sup>29</sup>

Diz Borges: “Há escritores a quem importa a forma; a outros, o que uma metáfora ruim porém inevitável, chama de conteúdo. As páginas cabais burlam essa distinção habitual; nelas a forma é o conteúdo, e vice-versa [...] ... temos propensão a crer que há uma forma separável do conteúdo e que dez minutos de diálogo com Henry James nos revelariam o “verdadeiro” argumento de *Outra volta de rosca*. Um livro são as palavras que o compõem [...] Não sei se podemos distinguir tanto entre a idéia e a expressão da idéia, creio que são a mesma coisa. Não podemos distinguir

---

<sup>28</sup> Cito os textos de Borges, salvo outra indicação, da primeira edição de suas *Obras Completas*, em dois volumes, um de 1974 (OC.I) e o outro de 1989 (OC.II.). Também do volume de suas *Obras Completas* em colaboração, d e 1979 (OCec). Todos estes textos foram editados em Buenos Aires por Emecé Editores. Os textos de Hans Urs von Balthasar, eu os cito da tradução ao castelhano que foi publicado em Madrid Ediciones Encuentro, desde 1985 até 1998, da monumental trilogia: *Estética* (sete tomos), *Dinâmica* (cinco tomos), *Lógica* (dois tomos) e *Epílogo* (um tomo). (Nota do entrevistado)

<sup>29</sup> *Estética*, I, p. 219.437.141. (Nota do entrevistado)

entre o conteúdo e a forma. A forma é o conteúdo e não temos que separá-los”.<sup>30</sup>

Diz von Balthasar: “Nossos olhos, viesados como os dos insetos a decompor a realidade em mil facetas diferentes, só se adaptam ao fragmentário, ao quantitativo; possuímos uma visão puramente analítica do mundo e da alma e somos incapazes de ver a totalidade [...] Se os aspectos vêm isolados e considerados em si mesmos, a forma desaparece e, embora os aspectos adquiram maior clareza e visibilidade em função da elaboração “científica”, desgraçadamente carecem do necessário vínculo espiritual. Para ver que cada aspecto concreto adquire sentido com base em uma totalidade que o transcende, se requer a arte da visão global. Nunca se pode construir a totalidade, partido das partes isoladas [...] Uma coisa é segura: que, partindo do que foi desmembrado e decomposto – por original e instrutivo que possa resultar hoje este estudo anatômico –, jamais se poderá recuperar a totalidade viva da forma. A anatomia só pode ser estudada sobre cadáveres. Todo movimento vital procede inversamente: vai do todo à parte, aos seus componentes”.<sup>31</sup>

Diz Borges: “O tempo acumula experiências sobre o artista, como sobre todos os homens. Por força de omissões e de ênfases, de olvido e de memória, este combina algumas delas e elabora, assim, a obra de arte. Depois a crítica diseca laboriosamente a obra e recupera (ou finge recuperar) a desordenada realidade que o motivou, ou seja, repõe o caos primordial”.<sup>32</sup>

<sup>30</sup> *Prólogos*, Torres Agüero Editor, Buenos Aires, 1977, p. 78. OC.II, p. 353. *Enrique Pezzoni lector de Borges*, Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1999, p. 210. (Nota do entrevistado)

<sup>31</sup> *Estética* I, pp. 28.457-458.33. (Nota do entrevistado)

<sup>32</sup> *Textos cautivos*, Tusquets Editores, Buenos Aires, 1986, p. 161. (Nota do entrevistado)

Diz von Balthasar: “O fato de que a figura da mulher amada apareça neste caso adornada com aditamentos simbólicos, não dá pretexto para considerá-la como mero símbolo ou simples alegoria. Afirmá-lo, seria ridículo. Símbolo ou alegoria de quê? Da teologia? Da visão de Deus? Somente eruditos tresnoitados são capazes de incorrer em semelhante absurdo. Beatriz é evidentemente uma donzela florentina de carne e osso”.<sup>33</sup>

Diz Borges: “Os alegoristas não dizem: a razão (Virgílio<sup>34</sup>) é um instrumento para alcançar a fé; a fé (Beatriz), um instrumento para alcançar a divindade; ambas se perdem, uma vez alcançado seu fim. A explicação, como terá notado o leitor, não é menos irrepreensível que frígida; daquele mísero esquema nunca saíram esses versos”.<sup>35</sup>

Diz também Borges, nos dois últimos versos de seu poema: “Cristo na cruz: De que pode servir-me que aquele homem / tenha sofrido, se eu sofro agora?”.<sup>36</sup> Esta pergunta provocou certo estuor em um que outro âmbito cristão. Contudo, existencialmente falando, é talvez a única pergunta que uma teologia cristã séria deveria poder contestar.

Hans von Balthasar, antes de responder a esta pergunta, confrontando a contemporaneidade e fraternidade do padecimento de Cristo com o sofrimento de cada ser humano; antes de afirmar o sentido do que se tem convencionalmente chamado de “substituição vicária”, também interroga: “A realidade do fato de que um ser humano, num recanto do império romano, foi crucificado dois mil anos atrás (com outros milhares de homens), por amor de mim, como poderia motivar-me a mudar de vida: Por ternura a esse

<sup>33</sup> *Estética* III, p. 39. (Nota do entrevistado)

<sup>34</sup> **Publius Vergilius Maro** (70 a. C – 19 a. C): mais conhecido como Vergílio, é um poeta romano. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>35</sup> OC.II, p. 372. (Nota do entrevistado)

<sup>36</sup> OC.II, p. 457. (Nota do entrevistado)

amor, que ninguém me pode demonstrar?”<sup>37</sup>

Em muitos temas importantes, ambos os autores manifestam uma sensibilidade e percepção que se assemelham. Também, quando citam autores, não é raro que elejam, para expressá-los cabalmente, as mesmas citações. Seria preciso esclarecer aqui que Borges nunca leu von Balthasar. O teólogo suíço, sim, leu algumas poucas coisas de Borges, porém tardiamente, quando sua obra já estava realizada.

### **IHU On-Line - Há algum tipo de religiosidade que se possa ver nos escritos de Borges?**

**Ignácio J. Navarro** - A religiosidade é uma atitude pessoal, que pode refletir-se, ou não, nos textos de um escritor. Borges foi ambíguo e fugidio a esse respeito: “Eu não estou seguro de ser cristão e de não ser budista”.<sup>38</sup> Muitas vezes, em diversas entrevistas ou conversações, Borges disse, às vezes um pouco humoristicamente, às vezes falando sério, que rezava o Pai Nosso não porque cresse, senão porque o prometera à sua mãe. No conto *O Evangelho segundo Marcos*, diz Baltasar Espinosa, o protagonista, ao qual impõe vários traços autobiográficos: “sua mãe lhe pediu que todas as noites rezasse o Pai Nosso e fizesse o sinal da cruz. Ao longo dos anos nunca havia quebrado essa promessa”.<sup>39</sup> Essas constatações não

<sup>37</sup> *Epílogo*, no final. (Nota do entrevistado)

<sup>38</sup> OC.II., p. 243. (Nota do entrevistado)

<sup>39</sup> OC.I, p. 1068. Podemos acrescentar, como dado curioso, que o médico que o assistiu em seus últimos dias, diz que Borges rezava o Pai Nosso em vários idiomas. E Jean Pierre Bernés, professor da Sorbona, que ajudou Borges, em Genebra, a preparar a edição completa de sua obra em *La Pléiade*, escreveu: *Quando trabalhávamos em Genebra, Borges tinha uma inquietude constante e dizia sempre que não sabia em que língua morreria. Depois de recitar o Pai Nosso em velho saxão, inglês, alemão, francês, português e outras línguas, terminou em castelhano. Creio que, ao repeti-lo, chegou à conclusão de que havia decidido morrer em castelhano.* (Nota do entrevistado)

são muito úteis para medir o verdadeiro interesse teológico que uma obra possa revelar. O melhor é sempre ater-se aos textos por meio de uma análise literária séria que, além disso, tenha incorporado uma capacitação para a interpretação teológica.

### **O teotropismo de Borges**

O menos que se pode dizer da obra de Borges, ao percorrê-la em sua integridade, é que apresenta, constantemente e com intensidade, o que poderíamos chamar de um verdadeiro *teotropismo*. É possível afirmar que toda grande obra é o intento de responder a uma grande pergunta. No caso de Borges, no qual é permanente a preocupação pela linguagem, por seus alcances e limites, seus textos manifestam o anelo por uma “palavra única” que fosse capaz de conter, pronunciar, produzir e comunicar a totalidade da realidade em sua beleza; e isso *simultaneamente*. Essa palavra é vedada ao pronunciamento humano, porém se pode esperar que, de alguma maneira, ela se pronuncie a si mesma, seja capaz de manifestar-se. Borges abre, em sua narrativa e em sua poesia, constantes espaços de silêncio, quase de esperança, em função desse Verbo (o qual, por momentos, identifica com a voz de Cristo).

### **A beleza**

Esse aspecto recém-apontado pode ser rastreado em toda a obra. Copio aqui duas passagens emblemáticas. Uma, do conto *La escritura del Dios*, que diz assim:

“Com o tempo, a noção de uma sentença divina parece pueril ou blasfematória. Um deus, reflete, só deve dizer uma palavra e nesta palavra a plenitude. Nenhuma voz articulada por ele pode ser inferior ao universo, ou menos que a

soma do tempo. Sombras ou simulacros dessa voz, que equivale a uma linguagem e a quanto pode conter uma linguagem, são as ambiciosas e pobres vozes humanas “todo”, “mundo”, “universo”<sup>40</sup>

(Às vezes, parece que preocupa Borges, mais que a beleza, a *causa* da beleza). A outra passagem é do poema *Mateo XXV, 30*, que remete mais explicitamente à voz de Cristo:

“Desde o invisível horizonte / e desde o centro de meu ser, uma voz infinita / disse estas coisas (estas coisas, não estas palavras, / que são minha pobre introdução temporal de uma só palavra)”<sup>41</sup>

### Palavra e paixão

Outro elemento que, especificamente para a teologia cristã, é de particular importância, e que se deve poder verificar numa análise deste tipo, é a presença da figura de Jesus. Pois bem, ela atravessa de ponta a ponta a obra do poeta argentino. Dois aspectos da figura de Jesus impressionam particularmente Borges: sua palavra, o fato de sua Paixão (pode-se dizer que o “ícone” de Jesus, que a obra de Borges recolhe, é “o Crucificado”).

Quanto à palavra de Jesus: “Quem tenha percorrido com fervor os diálogos socráticos, as *Analectas* de Confúcio<sup>42</sup> ou os livros canônicos que registram as parábolas e sentenças do Buda, se terá sentido defraudado mais de uma vez; a obscuridade ou a trivialidade de tal ou qual ditame, piedosamente recolhido pelos discípulos, lhe terá parecido incompatível com a fama dessas palavras, que ressoaram e continuam ressoando no

<sup>40</sup> OC.I, p. 598. (Nota do entrevistado)

<sup>41</sup> OC.I, p. 874. (Nota do entrevistado)

<sup>42</sup> **Anale(c)tos de Confúcio, Analecta de Confúcio ou Diálogos de Confúcio**: livro doutrinal mais importante do Confucionismo, constituído por uma seleção de textos atribuídos a este pensador chinês e aos seus discípulos. (Nota da *IHU On-Line*)

côncavo do espaço e do tempo. (Que eu me recorde, os *Evangelhos* oferecem-nos a única exceção a esta regra)”<sup>43</sup>

Borges escreveu um comentário ao livro *Filosoficula*, de Leopoldo Lugones. O Comentário é elogioso, menos neste ponto: “Ao contrário, é difícil aprovar as parábolas nas quais aparece Cristo; imaginar uma só frase que, sem desdouro, possa suportar a proximidade das que conservaram os Evangelhos, excede, talvez, a capacidade da literatura”<sup>44</sup>

E também, dando-lhe o título privilegiado e mais alto que caiba no universo espiritual borgeano, “poeta: Cristo é o maior dos mestres orais”<sup>45</sup>. Num momento, faz referência “às metáforas do mais estranho dos homens”<sup>46</sup>. Antes havia dito: “Deixou-nos esplêndidas metáforas”<sup>47</sup>

Certa vez, em seus cursos de literatura inglesa, em Buenos Aires, referiu-se assim a este tema: “Eu não vim trazer a paz, senão...”, e o entendimento abstrato esperaria: “Eu não vim trazer a paz, senão a guerra”. Porém Cristo, que é um poeta, diz: “Eu não vim trazer a paz, senão a espada”. Quando estão para apedrejar uma mulher adúltera, ele não diz que esta lei é injusta, ele escreve umas palavras na areia. Logo as apaga, antecipando-se àquilo de que “a letra mata e o espírito vivifica”. E diz: “Quem está sem culpa, que atire a primeira pedra”. Quer dizer, usa sempre exemplos concretos, ou seja, exemplos poéticos.<sup>48</sup>

E, por último, quanto a esta alta valoração das palavras de Jesus: “O estilo de Cristo é extraordinário. Ninguém encontrou imagens tão extraordinárias como as de

<sup>43</sup> *Prólogos*, p. 84. (Nota do entrevistado)

<sup>44</sup> OCec, 496. (Nota do entrevistado)

<sup>45</sup> OC.I, 714. (Nota do entrevistado)

<sup>46</sup> OC.II, 471. (Nota do entrevistado)

<sup>47</sup> OC.II, 457. (Nota do entrevistado)

<sup>48</sup> *Borges professor*, Emecé Editores, Buenos Aires, p. 213. (Nota do entrevistado)

Cristo, imagens que, ao cabo de dois mil anos, seguem sendo assombrosas [...] Eu me criei ouvindo os evangelhos... creio que são os livros mais extraordinários do mundo [...] Jesus não se expressa por razões, senão por palavras. Essas parábolas são obras de arte”.<sup>49</sup>

### **A figura de Cristo em Borges**

Para Borges, Cristo é “a figura mais vivida da memória humana [...] Ninguém como ele governou, e segue governando, o curso da história”.<sup>50</sup> Porém, como já dissemos, esta figura se apresenta na obra do poeta argentino sob o signo da cruz: “pendi de uma cruz”<sup>51</sup>, “Cristo que morre no madeiro”<sup>52</sup>, “a agonia de Jesus”<sup>53</sup>, “morrendo no alto como Jesus”<sup>54</sup>, “num entardecer morre um judeu crucificado pelos negros calvos”<sup>55</sup>, “porém depois o sangue do martírio, o escárnio, os cravos e o madeiro”,<sup>56</sup> “e a agonia do crucificado”<sup>57</sup>. “O mais estranho dos homens, o que morreu uma tarde numa cruz”<sup>58</sup>. São menções de passagem, ou versos soltos. Há poemas inteiros na obra de Borges acerca de Jesus crucificado.<sup>59</sup>

<sup>49</sup> *Reencuentro* (diálogos com Osvaldo Ferrari) Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 2000, pp. 97.102.209. (Nota do entrevistado)

<sup>50</sup> *Biblioteca personal. Prólogo*, Alianza Editorial, Buenos Aires, 1988, p. 11. (Nota do entrevistado)

<sup>51</sup> OC.I, 977. (Nota do entrevistado)

<sup>52</sup> OC.I, 881. (Nota do entrevistado)

<sup>53</sup> OC.II, 158. (Nota do entrevistado)

<sup>54</sup> OC.I, 977. (Nota do entrevistado)

<sup>55</sup> OC.II, 114. (Nota do entrevistado)

<sup>56</sup> OC.I, 893. (Nota do entrevistado)

<sup>57</sup> OC.I, 996. (Nota do entrevistado)

<sup>58</sup> OC.II, 471. (Nota do entrevistado)

<sup>59</sup> Por exemplo, *Lucas XXIII* (OC.I, 840). Também *João I, 14* (OC.I, 893). *Cristo en la cruz* (OC.II, 457). Muitas vezes aparecem pequenos detalhes ou breves menções associadas a Jesus, porém ao seu drama. Por exemplo, este verso do *Poema del cuarto elemento*, dedicado à água: *Lavaste a carne de meu ai e de Cristo* (OC.I, 870). Ou, no poema *Al vino*, estas palavras: *vermelha metáfora do sangue de Cristo* (OC.I, 918). (Nota do entrevistado)

Quiçá não haja que buscar tanto o tema religioso, na obra de Borges, ali onde aparece a palavra “Deus”, senão onde se encontram as figuras literárias que, a partir da linguagem humana, buscam uma Palavra que a transcenda e justifique.

**IHU On-Line - Muitos contos de Borges tocam em temas filosóficos (e seus desdobramentos matemáticos), metafísicos, mitológicos e teológicos e talvez por isso seja tão citado em obras acadêmicas. Essa seria uma característica marcante do escritor? Quais seriam as obras que marcaram sua trajetória?**

**Ignácio J. Navarro** - Qualquer intento de “localizar” Borges em alguma corrente filosófica, lingüística, ideológica ou que mais se queira, é algo destinado ao fracasso desde o início. Borges era um poeta, coisa intraduzível em conceitos universais. É verdade que usou da filosofia para inspirar-se e para dela haurir alguns temas; porém seu propósito foi sempre estético, e é essa a análise que corresponde fazer. A principal obra que marcou a trajetória de Borges foi, sem lugar a dúvidas, a *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri<sup>60</sup>. Depois, como se sabe, toda a literatura, que ele percorreu de maneira surpreendente. Impossível fazer aqui uma lista das preferências do poeta argentino, que iria desde *El gaúcho*

<sup>60</sup> **Dante Alighieri** (1265-1321): escritor italiano. Estudou Teologia e Filosofia, sendo profundo conhecedor dos clássicos latinos e dos filósofos escolásticos. Pertenceu ao Partido Guelfo, lutou na Batalha de Campaldino contra os Gibelinos e, por volta de 1300, iniciou a carreira diplomática. Em 1302, foi preso por causa das suas atividades políticas. Iniciou-se então a segunda etapa da sua vida: o exílio definitivo, pois não aceitou as anistias de 1311 e 1315. Afastado de Florença, viveu em Verona e em Lunigiana. Sua principal obra é *A Divina Comédia*. (Nota da IHU On-Line)

*Martín Fierro*.<sup>61</sup> Até Walt Whitman<sup>62</sup>, passando pelos expressionistas alemães, e, desde o *Quijote* até o *Golem*, passando por Victor Hugo e R.L. Stevenson.

**IHU On-Line - Borges teria marcado um estilo, fundando uma espécie de escola?**

**Ignácio J. Navarro** - Deixou alguns “bons costumes” literários, já que seu estilo é inimitável, de modo que não há, propriamente, uma “escola”. Ao contrário, são muitos os escritores que declaram que tiveram que fazer um esforço enorme para não imitar Borges (Norman Mailer<sup>63</sup>, Mujica Láinez<sup>64</sup>, Vargas Llosa<sup>65</sup> e muitos outros), coisa que teria resultado inevitavelmente numa caricatura. Borges abriu um espaço, no qual a voz autóctone pode acolher todas as tradições, e uma literatura sul-americana pode, com seu estilo próprio, fazê-lo com todos os temas. Borges deixou, ademais, à língua castelhana, uma obrigação pela precisão, a inteligência, a concisão, virtudes raras na língua espanhola.

**IHU On-Line - O escritor é mais valorado fora da Argentina?**

**Ignácio J. Navarro** - Isso não é de todo exato. Borges tem sido lido e admirado na Argentina desde o início de sua carreira literária. Além disso (e é natural), a crítica que se ocupou de Borges começa na Argentina, com aquele trabalho já

---

<sup>61</sup> El *gaucho Martín Fierro*: poema épico escrito pelo jornalista argentino José Hernández. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>62</sup> **Walt Whitman** (1819-1892): poeta norte-americano. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>63</sup> **Norman Kingsley Mailer** (1923): escritor norte-americano. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>64</sup> **Manuel Mujica Láinez** (1910-1984): escritor e crítico da arte argentino. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>65</sup> **Jorge Mario Pedro Vargas Llosa** (1936): escritor peruano, autor de *Os chefes* (1958) e *Batismo de fogo* (1963). Foi candidato à presidente do seu País em 1990. (Nota da *IHU On-Line*)

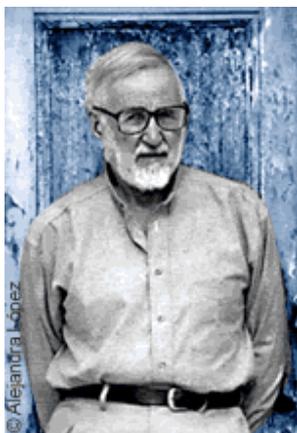
clássico de Ana María Barrenechea: *La expresión de la irrealidad en la obra de Jorge Luis Borges*. Buenos Aires: Ediciones del Cifrado, 2000. (Atualmente, há sites muito sólidos da Internet que se originaram de argentinos). Depois, existe uma valoração universal.

**IHU On-Line - Algum outro aspecto não perguntado que lhe parece importante destacar.**

**Ignácio J. Navarro** - Somente o prazer que significa a leitura de Jorge Luis Borges. O prazer e o benefício espiritual e cultural.

# Borges e a literatura argentina

Entrevista com Noé Jitrik



“Borges é reconhecível, antes de tudo, pelo “tom” de sua prosa: desejo de precisão, uso insólito de adjetivos e advérbios, síntese narrativa, conceitualização extrema, distanciamento”, afirma Noé Jitrik, em entrevista concedida por e-mail à *IHU On-Line*. Jitrik é um reconhecido crítico literário argentino. Morou em Buenos Aires, também na Europa e no México, onde se exilou entre 1974 e 1987, onde passou anos de exílio entre 1974 e 1987. É autor de numerosos ensaios sobre literatura e história, crítica literária, teoria e narrações, contos e novelas. Atualmente, é pesquisador e diretor do Instituto de Literatura Hispano-Americana da Faculdade de

Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Está dirigindo a obra: *La Historia Crítica de la Literatura Argentina*, que aparece em doze volumes e é publicada pela Editorial Sudamericana.

***IHU On-Line* - Qual foi sua experiência com a obra *La Historia Crítica de la Literatura Argentina*? Podemos falar em uma “forma literária argentina” da qual saíram escritores como Borges, por exemplo?**

**Noé Jitrik** - A experiência não concluiu ainda (faltam seis volumes), mas já se podem tirar algumas lições. Em primeiro lugar, a obra foi possível pela quantidade e qualidade de colaboradores que entenderam a idéia e trabalharam em consequência. A idéia era, e é, que a “história” é um relato e que, portanto, se trata de relatar um processo literário. Não tem por objeto avaliar nem reavaliar, mas sim compreender o desenvolvimento específico. Existirá uma forma literária argentina? Sem dúvida há um tom reconhecível como argentino mas o que chamamos “forma” é exatamente o mesmo que pode ser reconhecido em qualquer literatura. É verdade que Borges encarna esse tom, mistura de

distanciamento e desejo de perfeição além de atenção ao imediato do referente, mas também capacidade, em alguns casos, de ruptura.

***IHU On-Line* - Qual era a opinião de Jorge Luis Borges sobre a literatura argentina?**

**Noé Jitrik** - Ele acreditava (*El escritor argentino y la tradición*)<sup>66</sup> que a literatura argentina fazia parte da universal. Isso significava que não se devia, nem podia, renegar a origem, européia – fora certas manifestações locais, algumas abolidas (gauchesca, sainete<sup>67</sup>, costumbrismo<sup>68</sup>),

<sup>66</sup> BORGES, Jorge Luis. *Discusión*, Obras Completas. Buenos Aires: Emecé, 1957. p.151-62: El escritor argentino y la tradición.

<sup>67</sup> **Sainete**: peça dramática, em um ato, normalmente, de caráter popular. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>68</sup> **Costumbrismo**: subgênero próprio do costumbrismo, ou literatura costumbrista, em que se narram atitudes, comportamentos, valores e hábitos comuns a um grupo social o ao povo inteiro por meio da descrição minuciosa dos ambientes,

outras vigentes (novela, conto, ensaio, poesia etc.), e também outras duas coisas: a primeira era que havia que abrir-se tanto ao conhecimento da literatura em geral, não importa de que país, como a aprender dela; a segunda era que havia que aspirar a serem universais, lutando contra o localismo, o provincianismo e a autocomplacência bairrista.

**IHU On-Line - Quais as relações que a literatura argentina costuma estabelecer com os problemas de seu tempo? Como Borges fazia isso?**

**Noé Jitrik** - Na realidade, grande parte da literatura argentina é contextualizante, embora a relação estabeleceu-se, correntemente, mediante mecanismos de representação do histórico político ou social. No entanto, a história está presente em zonas mais secretas da realização literária. Até o modernismo o entendeu, mas, sobretudo, determinar a presença da história é desafio para o crítico; se o crítico não entende essa segunda dimensão será fatalmente um “comentador”.

**IHU On-Line - Quais são os traços literários de Borges?**

**Noé Jitrik**- Não é fácil definir tais traços. Eu diria que Borges – o Borges maduro - é reconhecível, antes de tudo, pelo “tom” de sua prosa: desejo de precisão, uso insólito de adjetivos e advérbios, síntese narrativa, conceitualização extrema, distanciamento.

**IHU On-Line - Por que o autor é mais conhecido fora da Argentina?**

**Noé Jitrik** - Se acreditasse nisso, diria que é porque “ninguém é profeta na sua terra”, mas isso é falso. Em primeiro lugar, o que seria ser “conhecido”, por

---

vestuário e as tradições e dos tipos e ofícios genéricos. (Nota da *IHU On-Line*)

quem, quando, por quê? Paulo Coelho<sup>69</sup> é conhecido, mas o que significa isso, além de um dado sociológico? Entretanto, a julgar por sua presença constante e contínua em periódicos e revistas, em eventos celebrantes, em homenagens relacionados com cada uma de suas datas, diria que é muito conhecido na Argentina. Outra coisa é ser lido e entendido. Sobre isso nada se pode afirmar, fora suspeitas sobre a pouca ou nula leitura. Não acontece isso em toda a parte?

**IHU On-Line - Quais foram os autores que mais influenciaram Borges?**

**Noé Jitrik** - Ninguém pode viver fora do seu tempo. Isso não quer dizer que somente existem para um escritor seus contemporâneos. Há duas formas de considerar este assunto. Ou as influências são declaradas ou detectadas ou bem na obra de um escritor pode-se ver de que modo secreto gravitam nele tensões, idéias, interesses de seu próprio tempo. Assim, há em Borges muito de Macedonio Fernández<sup>70</sup> mas é necessário dar-se conta disso, não se distingue a primeira vista. É mais interessante o que pode

---

<sup>69</sup> **Paulo Coelho** (1947): escritor brasileiro que tem ocupado, sistematicamente, as primeiras posições no *ranking* dos livros mais vendidos no mundo. Já vendeu mais de 65 milhões de livros, sendo o autor mais vendido em língua portuguesa de todos os tempos. Em 2002, foi eleito para ocupar a cadeira número 21 da Academia Brasileira de Letras. Dentre seus grandes sucessos editoriais, destacam-se *O diário de um mago* (1987), *O alquimista* (1988) e *Brida* (1990). (Nota da *IHU On-Line*).

<sup>70</sup> **Macedonio Fernández** (1874 - 1952): escritor e filósofo metafísico argentino. Entre suas obras citam-se, *Adriana Buenos Aires; última novela mala*. Ordenación y notas de Adolfo de Obieta. Buenos Aires, Corregidor, 1975. (Obras completas, vol V); *Museo de la Novela de la Eterna; primera novela buena*. Ordenación y notas de Adolfo de Obieta. Buenos Aires, Corregidor, 1975. (Obras completas, vol VI) e *Epistolario. Ordenación y notas de Alicia Borinsky*. Buenos Aires, Corregidor, 1976. (Obras completas, vol. II). (Nota da *IHU On-Line*)

haver de psicanálise em um escritor que o rechaça, inclusive da política. Também se trata de homologias formais: o que persegue uma expressão política importante, por exemplo, o populismo, são formas que podem reaparecer em um texto literário.

**IHU On-Line - Borges apresenta características latino-americanas? Pode ser comparado com García Márquez, Onetti, Horácio Quiroga, Julio Cortazar e outros? Borges influenciou alguns escritores latino-americanos?**

**Noé Jitrik** - Não sou partidário do método comparativo: cada um dos escritores mencionados tem o seu, assim como Borges. Se, como disse, Borges tem um “tom argentino”, seja o que for, é também latino-americano, que eu saiba, a menos que o latino-americano seja só a representação direta de imagens latino-americanas, como a selva, o deserto, as cidades, os hábitos, o folclore, os indígenas etc. Seguramente, por sua vez, Borges teve um impacto importante sobre os autores mencionados (menos Quiroga<sup>71</sup>), mas isso também haveria que vê-lo nos textos, não em geral.

**IHU On-Line - Por que ler Borges no século XXI?**

**Noé Jitrik** - Por que não lê-lo? Por que não ler Rubén Darío? Supõe-se que a continuidade da leitura descansa sobre a capacidade dos textos de seguir provocando-a, e isso acontece quando um texto, por misteriosas razões, continua vivo. Acredito que isso acontece em grande parte da obra de Borges. Enquanto não a assassinemos, falando excessivamente dele, seguirá sendo objeto de leitura e dará muitas gratificações.

---

<sup>71</sup> Horacio Silvestre Quiroga Corteza (1878-1937): contista, dramaturgo e poeta uruguaio. (Nota da *IHU On-Line*)

**IHU On-Line - O senhor conheceu pessoalmente Jorge Luis Borges?**

**Noé Jitrik** - Uma vez ele me foi apresentado. Eu relato meus desencontros com ele em um trabalho que se intitula *Sentimientos complejos sobre Borges*.<sup>72</sup> Indico-o a quem deseje conhecer em que consistiram esses desencontros.

---

<sup>72</sup> O entrevistado desenvolve seus desencontros com Borges em *Sentimientos complejos sobre Borges*, capítulo da obra *La vibración del presente*. Editorial: Varias Latinoamericanas, 1994. (Nota da *IHU On-Line*)

# Borges, o fazedor de histórias

Entrevista com Félix Duque

“Parece certo que a letra de Borges não é científica, porque não pretende enunciar o que é, a não ser o que *lhe* é, o que *lhe im-porta*, fazendo-o ser ele: Borges (sem nome próprio: Jorge, *Georgie* era o “outro”, o indivíduo invejoso do fazedor, que *lhe* recordava que há tripas e que só se vêem luzes e sombras, manchas de um mundo



falacioso”, afirma o filósofo e psicólogo espanhol Félix Duque, em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*. Duque é licenciado em Filosofia e Psicologia pela Universidade Complutense de Madri, doutor pela mesma instituição com a tese *Experiencia y sistema. Una investigación sobre el "Opus postumum" de Kant*. De 1982 a 1988, foi catedrático de Metafísica na Universidade de Valência. De 1983 a 1985 e de 1987 a 1988, foi professor visitante no Hegel-Archiv da Universidade Ruhr Bochum, na Alemanha. Atualmente, é catedrático de Filosofia na Universidade Autônoma de Madri e pesquisa sobre as doutrinas do idealismo alemão e romantismo, assim como sobre a filosofia da técnica e da cultura, mito e religião, e também arte contemporânea. De sua extensa produção intelectual, destacamos as obras *Filosofía para el fin de los tiempos*. Tecnología y apocalipsis. Madrid: Akal, 2000; *Arte público y espacio político*. Madrid: Akal, 2001; *La fuerza de la razón. Invitación a la lectura de la "Crítica de la razón pura" de Kant*. Madrid: Dykinson, 2002; *Estudio preliminar a Narraciones extraordinarias, de E.A. Poe*. Madrid: Edimat, 2003.

## **IHU On-Line - Conheceu Jorge Luis Borges?**

**Félix Duque** - Se me permite parafrasear o grande fabulista, eu diria que julgo Borges tão eterno como Deus e os homens. Nunca o conheci. Para mim sempre foi um olhar desviado, voltado para dentro, um tipo desajeitado e uns textos sutis e complexos. Digamos que o conheci “de vista”, de tanto passar e

repassar seus textos e de olhar suas fotos. A palavra escrita, e mais ainda impressa, impõe respeito: é como se essas formas estivessem sempre aí, espreitando-me, e só adquirissem vida quando eu colocasse o olhar sobre elas. Ninguém me pode assegurar que suas folhas não estivessem em branco, e que não tenham sido meus olhos os culpados de pôr, uma e outra vez, em relevo, esses sinais, como se

fossem traços escritos com tinta simpática que só por simpatia (sympátheia) se apresentassem perante mim. No entanto, a consciência de que se trata de uma *impressão difusa* (nos dois sentidos, subjetivo e objetivo do termo) leva-me a pensar que isso estava escrito para todos e para sempre: não só para os de hoje ou os vindouros, mas também para os de antes, porque só lendo essas páginas podia começar a penetrar no sentido – sempre guiado, mas é bom ter amigos, ainda que à distância. Como não compreender que Cervantes<sup>73</sup> tinha lido já - já, de sempre - Pierre Ménard<sup>74</sup> e que agora – então – estava, ou estará, reformulando-o para limpá-lo o de suas excrescências parnasianas e parisinhas, a fim de embuti-lo como *brulote* antibarroco nas lutas literárias do século XVII?

Algo disso deve ter havido em minhas leituras, graças às quais lembro ao menos três “Borges”: o primeiro, o de minha adolescência (eu cresci lendo Borges conforme ele escrevia, enquanto minha infância se avivava em contato com os mortos: Homero, Virgílio e Júlio Verne). Lembro que esse Borges rompia as estreitas paredes de meu quarto (e picotava os livros de texto, tudo há que dizê-lo), e por entre as brechas eu via universos alternativos, *malevaje* em recônditos curraizinhos (não sabia bem o que era isso, então, mas soava entre íntimo e ameaçador em minha cabeça) e rudes homens do norte, menos “olhados” e finos que meus gregos, mas com um ar

<sup>73</sup> **Miguel de Cervantes e Saavedra** (1547-1616): escritor espanhol, autor de *Don Quixote de La Mancha*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>74</sup> **Pierre Ménard**: personagem do conto de Borges "Pierre Menard, autor del Quijote". Romancista e poeta simbolista, devorador de livro, que decide escrever Dom Quixote como Cervantes, se mostrando como autor da obra. (Nota da *IHU On-Line*)

de sincero salitre e um sabor de sangue no rude escudo que nunca esquecerei.

### **O segundo Borges**

O segundo “Borges” chegou-me quando meditei sobre a quase impossível união entre Hume<sup>75</sup> e Nietzsche<sup>76</sup>, enquanto eu traduzia, em meados dos anos setenta, o *Tratado* do escocês. Contra as interpretações de uso, eu suspeitava (era um sentimento tão forte como o que abrigasse outrora respeito aos bravos heróis de *Beowulf* ou das *Eddas*), eu suspeitava – digo - que o delírio paradoxalmente defendido por Hume como próprio da filosofia, descortesmente avassaladora das opiniões comuns dos homens, algo tinha a ver com os ditirambos<sup>77</sup> dionisíacos de

<sup>75</sup> **David Hume** (1711-1776): filósofo e historiador escocês, que com Adam Smith e Thomas Reid, é uma das figuras mais importantes do chamado Iluminismo escocês. É visto, por vezes, como o terceiro e o mais radical dos chamados empiristas britânicos. A filosofia de Hume é famosa pelo seu profundo ceticismo apesar de muitos especialistas preferirem destacar a sua componente naturalista. Entre suas obras, merece destaque o *Tratado da natureza humana*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>76</sup> **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus polêmicos conceitos “além-do-homem”, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim Falou Zaratustra*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998; *O Anticristo*. Lisboa: Guimarães, 1916; *A Genealogia da Moral*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2004. Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13 de dezembro de 2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela *IHU On-Line* edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada *Nietzsche e Paulo*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>77</sup> **Ditirambo**: Nas origens do teatro grego, o ditirambo (do grego *dithyrambos*, pelo latim *dithyrambu*) era um canto coral de caráter apaixonado (alegre e sombrio), constituído de uma parte narrativa, recitada pelo cantor principal, ou corifeu, e de outra propriamente coral, executada

Nietzsche, exposto a uma demência sem retorno. Então, foi de novo um texto de Borges que me confirmou que não estava desencaminhado. Gestos, idéias e sentimentos se enlaçam, entrecruzam e combatem reciprocamente sem lhes importar os suportes humanos que efemeramente nos aninham. Assim aprendi a transvasar uns odres em outros, enchendo meu pequeno recipiente com essas misturas, com um bom uísque *blended*.

### O terceiro Borges

Por fim, o terceiro “Borges” é destes anos. Fazia tempo que não freqüentava essas páginas, por julgá-las – tonto de mim - de menos monta que a urgente leitura de Aristóteles, Hegel ou Heidegger (urgente, sobretudo, porque tinha que ministrar aulas sobre eles: não quero fazer me passar de ardente e laborioso pensador). É verdade que de tanto em tanto um Foucault<sup>78</sup>, um Sini ou um Vitiello me

---

por personagens vestidos de faunos e sátiros, considerados companheiros do deus Dionísio, em honra do qual se prestava essa homenagem ritualística. Gênero poético no qual Nietzsche foi mestre. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>78</sup> **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo e professor da cátedra de História dos Sistemas de Pensamento no Collège de France desde 1970 a 1984. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um

recordavam que Borges seguia ali, escondido, fazendo pensar e sonhar. Inclusive lembro-me que me irritei quando uma aluna de doutorado (argentina, claro) propôs-me trocar seu trabalho de fim de curso (obrigatório) sobre a *lógica da essência* de Hegel por outro sobre a lógica paratática do Borges. Contudo, levado pela curiosidade (o que poderia ter a ver o sóbrio e árido Hegel com um fazedor de contos argentino?), lancei mão das recopilações que antes foram tão caras (*Ficções*, *História universal da infâmia*), e então, sem querer, comecei a refletir sobre a *linguagem* utilizada, a retórica tão pouco barroca, tão mesuradamente “inglesa” de Borges, e em como sua polida superfície delatava arrebatadores *Maelströme*. Um novo enlace com Nietzsche, mas agora quanto a efeitos de linguagem, como se os apertados aforismos da vontade de poder espelharam em um homem cego que era já ele mesmo literatura, letra de si e de seus sonhos. Foi então quando me precavi da esotérica conexão da linguagem de Borges com o tempo e suas bifurcações. Justamente a sobriedade dos verbos (*rémata*: ação, fluxo), diante da lapidária concisão dos substantivos (*onómata*: quietude, solidez), deixavam entrever esse pudor primitivo ante os labirintos dos tempos. Que só se mostra aquilo que, a boa cautela, pulsa *no contrário*.

---

soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. A matéria de capa da 119ª edição da *IHU On-Line*, de 18 de outubro de 2004, foi dedicada a esse pensador. O IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento **Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault**. (Nota da *IHU On-Line*)

### **IHU On-Line - Como caracterizaria a literatura de Borges?**

**Félix Duque** - Eu não gostaria de pontuar de “literária” a obra borgesiana (eu gosto de dizer isso, melhor que “borgiana”: não foi um Borja, embora possivelmente ele tivesse gostado da ser Papa de alguma seita herética). Recordo muito a (má) idéia de distinguir entre “ficção” e “não-ficção”. Salvo a escritura lógica e matemática (inclusive ali haveria seus mais e seus menos: que o perguntem ao Raymond Queneau<sup>79</sup>), todo o escrito é *literatura*, por estar forjado em letras.

Entretanto, parece certo que a letra de Borges não é *científica*, porque não pretende enunciar o que é, a não ser o que *lhe* é, o que *lhe im-porta*, fazendo-o ser ele: Borges (sem nome próprio: Jorge, *Georgie* era o “outro”, o indivíduo invejoso do fazedor, que *lhe* recordava que há tripas e que só se vêem luzes e sombras, manchas de um mundo falacioso; que *lhe* recordava, sobretudo, que há *outros*, (amargurando-*lhe* a letra). Suas ficções (mais simulações que fingimentos) não se abrem para outros mundos (tolice urdida por quem se aborrece neste... e portanto em qualquer outro): abrem-se para *o* mundo. Não a esta coisa ou esta outra, não a este sucesso ou aquele outro, a não ser à travacção, a *symploké* da ordenação cósmica. Um mundo caleidoscópico, constituído por miríades de espelhos pró- e retrospectivos, cada um, por sua vez: todos dizendo o mesmo, de outra maneira, embora, às vezes, se entrecruzem suas trajetórias, sem que nunca acabemos de saber se Borges nos está fazendo a armadilha do erudito que grita, elevando seus manguitos e sua viseira de plástico miserável: “Pilhei-o! plagiou-se a si mesmo, ou a outros”, se

<sup>79</sup> **Raymond Queneau** (1903-1976): poeta francês e novelista. (Nota da *IHU On-Line*)

está rendendo uma comemoração à *la Ménard* ou se, simplesmente, sabe muito bem que o mesmo em outro contexto reverbera com luzes e sombras novas, como de uma cova ensolarada.

Tampouco sua “literatura” é *moral* (embora, às vezes, arrisque um epigrama, em seguida frustrado com um golpe sardônico). Borges não quer prescrever como *devemos* ser, ou por onde *deveria* ir o mundo (o mundo não vai, só se limita a vibrar, relampejante : deixando-se entrever, a saber, que um montão de varreduras, de resíduos lançados ao vento e pulverizados por pagamento-páginas é já a mais bela das ordens). Borges, como bom aristotélico, como bom cervantino, diz - *nos* diz - como terá podido chegar a ser ou deixar de ser um espelho gretado de mundo, segundo a coerência e o verossímil, ou seja, segundo a *ficção* (entre a constipação da suposta ordem *máxima* prefixada e a dispersão dos sucessos infelizes). Em uma palavra, Borges oficia de *fazedor de histórias*, de meditações irregulares, abertas todas elas para o fundo do mundo.

### **IHU On-Line - Como reflete sua obra uma filosofia do tempo?**

**Félix Duque** - Não acredito que sua obra “reflita” nada. Se o fizesse, seria um exímio novelista ou contista. Sua obra *deixa ver*. E não acredito que ao Borges importasse muito ou pouco isso tão orteguiano<sup>80</sup> de “estar à altura dos tempos”. Este símile de escada ou de pódio pode valer para uma *star* de revista ou para subir em um avião, não para o nobre ofício de *imaginário*. Borges faz

<sup>80</sup> **José Ortega y Gasset** (1883-1955): filósofo espanhol, que atuou também como ativista político e jornalista. Sobre o autor, confira a entrevista concedida por José Maurício de Carvalho, *Pampa. Um espaço humano de promessas e realizações*, concedida à *IHU On-Line* 190, de 7 de agosto de 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

que estalem os tempos, as épocas (*epoché* é um período limitado, como posto entre parêntese: embalsamado) e as vidas. Marco Bruto repete o gesto imemorial do gaúcho, assassinando o fazendeiro pampeiro (e não me digam por favor que é o contrário), Borges jovem, à beira do rio Charles, *quer* ver uma data em um bilhete norte-americano para corroborar que seu encontro com sua própria velhice é uma loucura impensável, enquanto *quem* escreve pontualmente (desde que lembranças, ou premonição?) o sucesso anota que esses bilhetes *não levam* data. O que posso dizer? Que Borges tem sabor a Heidegger<sup>81</sup> para mim, que não posso deixar de pensar na *semiosis* hegeliana, com seu poço de águas sombrias e sua pirâmide que alberga um corpo morto, quando leio as últimas *notícias* do Tlon e do Uqbar? Que

<sup>81</sup> **Martin Heidegger de Messkirch** (1889-1976): filósofo alemão. Doutorou-se em Filosofia sob a orientação de Edmund Husserl. Em 1933, acontecimentos políticos levaram-no a aderir ao partido nazista e assumir a reitoria da Universidade de Friburgo, cargo do qual se demitiu alguns meses depois. A seus olhos, o que define a ontologia e sua história é o esquecimento do ser como lugar de questionamento. Ora, o ser como questão define um ente particular, que é o ser-aí, o *Dasein*. Este *Dasein* é o homem. Ora, o ser-aí é aquele que pode ao mesmo tempo existir e saber, a todo momento e ao mesmo tempo, que deixar de existir: é um "ser-para-a-morte". Aceitar esta situação é o sinal da autenticidade, para o homem. Colocar a autenticidade, para o homem, é levantar as diferentes maneiras de ser: facticidade, derrelição, historicidade. São os temas fundamentais que Heidegger aborda na sua obra máxima, *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a *IHU On-Line* publicou na edição 139, de 2 de maio de 2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19 de junho de 2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 3 de julho de 2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para download no sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

a impossível cartografia da região china remete a *archiescritura* derridiana? Que as figuras do vaso chinês ou que o *aleph* debaixo de uma imunda escada recordam Foucault ou Nicolau de Cusa<sup>82</sup>? Enfim, burla, já disse, que espectros me acompanham na leitura imaginária de Borges. Dela jorra, ao menos uma cascata de coisas: a queda do império do significado, do representacionalismo, do Sujeito autoconsciente, autocontrolador, antropocêntrico (ou seja: eurocêntrico). Muitas quedas para um dizer embrionário, sobriamente sugestivo, cortante como uma navalha de barbear (das de antes), malicioso como uma milonga e lamentoso como um tango (às vezes, os piores). Já o insinuei antes: Borges dá o que pensar; ele não filosofa, porque não cuida de ligar argumentações válidas para todo o mundo, convincentes *em geral*. Mas sem ele – e sem seus pares: Pérec<sup>83</sup>, Queneau, Chesterton, Buster Keaton<sup>84</sup> e Jean Dubuffet<sup>85</sup> - a filosofia seria ainda mais insípida do que já o é. Que o perguntem aos filósofos analíticos, para ver a cara (de seriedade circunspeta) fazem.

<sup>82</sup> **Nicolau de Cusa** (1401-1464): teólogo alemão. Secundou a ação dos papas na Alemanha. Foi educado com os *Irmãos da vida comum* em Deventer, onde sofreu a influência do misticismo alemão; em seguida estudou na Universidade de Heidelberg, foco do nominalismo, e na de Pádua, onde aprendeu Matemática, Direito e Astronomia. Ordenado padre, teve parte notável no concílio de Basileia (1432). A seguir, foi legado pontifício, cardeal, bispo. Viveu seus últimos anos na Itália. As obras fundamentais de Nicolau de Cusa são três: *De docta ignorantia*, *De conjecturis*, *Apologia doctae ignorantiae*. As fontes prediletas e principais são o misticismo alemão (Mestre Eckhart), o platonismo e o neoplatonismo cristão e os autores de tendência neoplatônica, em geral. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>83</sup> **Georges Perec** (1936-1982): romancista e ensaísta francês. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>84</sup> **Joseph Frank Keaton Jr.** (1895-1966): conhecido como Buster Keaton, foi um popular e influente ator cômico e diretor. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>85</sup> **Jean Philippe Arthur Dubuffet** (1901-1985): pintor e escultor francês. (Nota da *IHU On-Line*)

### **IHU On-Line- Quais são as influências filosóficas do autor?**

**Félix Duque-** Filosóficas... bom, de novo a tentação doutoral. Mas Samuel Johnson ou Richard Burton<sup>86</sup> (o melancólico, não o embevecido pela Taylor) compartilham preferências com Stevenson ou com Bartleby<sup>87</sup>, o gracioso criador do Melville<sup>88</sup>. E enfim, o grande Berkeley<sup>89</sup>, que nunca pôde convencer ninguém da verdade de suas arrebatadas “visões” (e nunca melhor dizendo), assim como ninguém pôde jamais refutá-lo. E no fundo Malebranche<sup>90</sup> (*intueri omnia in Deo*: só que esse “deus” é uma galeria de espelhos, todos eles distintos – nem sequer posso dizer “desfigurar”, porque cada um expõe honestamente a figura nele presa, *a la buona*), e Paulo de Tarso<sup>91</sup>

<sup>86</sup> **Richard Burton** (1925-1984): ator escocês. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>87</sup> **Bartleby the Scrivener: A Story of Wall Street**: conto de Herman Melville. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>88</sup> **Herman Melville** (1819-1891): novelista norte-americano, ensaísta e poeta. Sua obra principal é *Moby-Dick*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>89</sup> **George Berkeley** (1685-1753): filósofo irlandês. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>90</sup> **Nicolas Malebranche** (1638-1715): filósofo francês. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>91</sup> **Paulo de Tarso** (3 – 66 d. C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque ao contrário dos outros, Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Tempo (era fariseu), onde foi sacerdote. Educado em duas culturas (grega e judaica), Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, e não mais numa seita do Judaísmo. Sobre Paulo de Tarso a *IHU On-Line* 175, de 10 de abril de 2006, dedicou o tema de capa *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*. A versão encontra-se disponível para *download* no

(“nele somos, movemo-nos e existimos”<sup>92</sup>; só que “Ele” se parece com o tempo – com as cruzes dos tempos - ao grande cetáceo branco, costurado com arpões por um coxo louco). E naturalmente Schopenhauer, que passa à vida dizendo – escrevendo - que devemos nos negar a nós mesmos e a nossa vontade para que não haja nada, sem dar-se conta de que já de antemão *não teria havido nada* de não se haver empenhado ele – e outros fazedores como ele, desde o Sileno - em escrever uma e outra vez que, para que tudo fosse de verdade, *como deve ser*, não devia haver absolutamente nada, e que havia que querer com todas as forças não querer nada para que o querer se rendesse (exausto, ou morto de risada?). E Spinoza<sup>93</sup>, o polidor de lentes, tão humilde que fazia *quanto* ele não era Deus. Ou Nietzsche, um filantropo tão abnegado que, sabendo que ele *era* Deus, fazia *como se* ele fosse só um filósofo dinamiteiro. E enfim, Félix Duque, sem o qual Borges não seria *meu* Borges, e que

sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>92</sup> Trata-se do discurso de Paulo no aerópago de Atenas, onde fala do “Deus desconhecido”: “Ele não está longe de cada um de nós, pois nele vivemos, nos movemos e existimos” – Atos dos Apóstolos, 17, 28. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>93</sup> **Baruch de Espinosa** (1632-1677): filósofo holandês, pertencente a uma família judia originária de Portugal. Ainda jovem apaixonou-se pelos estudos e aprende o hebraico e as línguas clássicas. Lê Descartes com avidez, um dos seus filósofos favoritos. Cedo suas idéias tornam-se conhecidas, e os judeus consideram-nas heréticas. Por isso é expulso da sinagoga. Em 1656, é vítima de uma tentativa de assassinato. Para evitar que se torne um perseguido, retira-se para Leyden e para Rynsverg e ganha a vida polindo lentes para telescópios e microscópios. Publica um *Tratado Político (Tractus Tehológico-Politicus)*, e a *Ética* e deixa várias obras inéditas, que são publicadas em 1677 com o título de *Opera Posthuma*. (Nota da *IHU On-Line*)

é quem introduziu de contrabando todo esse arsenal na escritura de um tipo tão magro de corpo como escuro de palavras.

***IHU On-Line***- Algum outro aspecto importante sobre a literatura do

**Borges que deseje destacar e não foi perguntado?**

**Félix Duque**- Leiam-no, e deixe-se levar. Em todas partes está o *aleph*. Sempre que não o busque.

## Brasil em foco

# “Não há a menor diferença substancial entre o governo FHC e o governo Lula”

**Entrevista com Fábio Konder Comparato**

“Não faz mais sentido deixar que as grandes decisões políticas sejam tomadas por alguns apenas. Elas devem ser tomadas por todos, em vista do bem comum e não de interesses particulares dos detentores do poder”. A afirmação é de Fábio Konder Comparato, professor titular da Faculdade de Direito da USP, em entrevista exclusiva concedida por e-mail para a revista *IHU On-Line*. A entrevista foi inspirada em um artigo escrito por Comparato e publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, de 24-8-2006. O artigo pode ser conferido nas *Notícias Diárias* do site do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)) do mesmo dia. Konder Comparato possui graduação em Direito pela Universidade de São Paulo e doutorado em Direito pela Université de Paris I (Pantheon-Sorbonne). Atualmente é professor titular na Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Teoria do Direito. É autor de diversos livros, entre os quais citamos o mais recente, que acaba de ser publicado pela editora Companhia das Letras, *Ética - Direito, Moral e Religião no Mundo Moderno*.

Confira a seguir como Konder Comparato vê a política atual. Para ele, “a política, hoje mais do que nunca, deve reger-se pelos princípios fundamentais da república e da democracia”.

***IHU On-Line*** - Qual a importância e a relevância da política hoje, no

**contexto internacional? Quais são seus limites e possibilidades?**

**Konder Comparato** - No passado, da ação política dependia a vida de cada povo. Hoje, num mundo unificado, é a ação política que decidirá, para o bem ou para o mal, do futuro da humanidade. Logo, não faz mais sentido deixar que as grandes decisões políticas sejam tomadas por alguns apenas. Elas devem ser tomadas por todos, em vista do bem comum e não de interesses particulares dos detentores do poder. Isso significa que a política, hoje mais do que nunca, deve reger-se pelos princípios fundamentais da república e da democracia. Uma república autêntica é o regime político em que o bem comum do povo (este o sentido verdadeiro de *res publica*) sobrepuje sempre os interesses próprios de indivíduos ou grupos particulares. E democracia não é o regime político em que o povo governa, mas aquele no qual o povo controla, em última instância, a ação de todos os governantes ou agentes públicos. Ora, controlar significa, de um lado, fixar as diretrizes gerais de governo, isto é, os rumos a serem seguidos pelos governantes, como delegados do povo soberano (ou dos povos soberanos, na esfera internacional). De outro lado, o controle popular significa o poder de responsabilizar diretamente os governantes pelos desvios de conduta. É por isso que a Campanha Nacional em Defesa da República e da Democracia, lançada pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), em 2004, e agora incorporada pelo Fórum da Cidadania pela Reforma Política, também criado pela OAB, ofereceu ao Congresso Nacional um projeto de regulamentação do plebiscito, do referendo e da iniciativa popular legislativa, como também ofereceu uma proposta de emenda constitucional, instituindo o *recall*, isto é, a revogação popular dos mandatos eletivos.

**IHU On-Line** - Em que consiste a sua comparação entre a coligação PSDB-PFL no poder e o PT no governo? Poderia explicá-la melhor?

**Konder Comparato** - Num momento histórico em que os partidos políticos já não se distinguem pelos seus programas de ação, mas unicamente pelas personalidades que os dirigem, todos os gatos são pardos. Não há a menor diferença substancial entre o governo FHC e o governo Lula. Em ambos, quem deu o tom foi o Banco Central, aliado à nova classe dominante dos banqueiros.

**IHU On-Line** - Como o senhor vê a campanha pelo voto nulo e pela abstenção de voto? Como explicar esse fenômeno? O que ele significa?

**Konder Comparato** - É a expressão da desesperança generalizada que tomou conta do povo, em especial da juventude. Uma manifestação de ceticismo absoluto com relação aos políticos. Nessa situação, as eleições representam basicamente duas coisas: a procura de alguma vantagem pessoal, familiar ou de classe para o eleitor, ou um torneio semelhante àqueles jogos da televisão, para se decidir quem é o ator mais simpático. Por trás disso, a oligarquia (que atualmente é cada vez mais estrangeira) decide o destino do nosso povo e o futuro do país.

**IHU On-Line** - O senhor afirma que fora da política não há salvação. Quais os caminhos que o senhor apontaria para encontrarmos solução dentro de uma política que se apresenta para muitos na sociedade pós-moderna, como esvaziada, esgotada?

**Konder Comparato** - Os caminhos de solução, eu os aponte há pouco. É a vivência de uma república e de uma democracia autênticas. Fora disso, é a decrepitude ou a guerra.

***IHU On-Line* - Há lugar para a política em nossa sociedade hiperindividualista, hiperconsumista, segundo as definições de Gilles Lipovetsky?**

**Konder Comparato** - O hiperindividualismo e o hiperconsumismo<sup>94</sup> são expressões lídimas da dominação capitalista no mundo inteiro. A ideologia capitalista tem como princípio supremo a busca de uma satisfação racional do interesse próprio de cada um. Para os ideólogos do capitalismo, em todas as suas vertentes, não há interesses coletivos: eles são uma simples soma dos interesses individuais. Por sua vez, a economia capitalista sobrevive unicamente com base na expansão ilimitada das necessidades artificiais de consumo. Marx o disse. Mas, bem antes dele, Platão assinalou, em *A República*, que uma *pólis* mal-organizada engendra a multiplicação de necessidades artificiais, cuja satisfação exige a expansão territorial, e esta conduz fatalmente à guerra. Ou seja, há 24 séculos a filosofia grega diagnosticava os males fatais do presente.

***IHU On-Line* - O senhor faz, no artigo publicado na Folha, uma análise histórica do Brasil no intuito de superar a "náusea eleitoral". Qual foi o ponto chave histórico nacional para chegarmos à crise política em que nos encontramos?**

**Konder Comparato** - A partir do momento em que embarcamos, sem armas nem bagagens, na aventura da globalização capitalista, condenamo-nos à desindustrialização precoce e à agravação

---

<sup>94</sup> **Hiperindividualismo e hiperconsumismo:** para uma análise destes dois conceitos confira LIPOVETSKY, Gilles. *Le Bonheur paradoxal*. Essai sur la société d'hyperconsommation. Paris:Gallimard, 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

do nosso subdesenvolvimento, com todos os males daí decorrentes, notadamente o desemprego estrutural. Como os partidos políticos modernos nasceram no século XIX da luta dos trabalhadores contra os empresários, e, dado que o mundo do trabalho assalariado começou a definhar aceleradamente no século XX, a ação dos partidos políticos passou a girar em falso. Entre nós, no Império, o mesmo resultado foi provocado pela escravidão.

***IHU On-Line* - O senhor ainda aposta no sistema representativo/partidário de política? Não estaria na hora de pensarmos em outra forma de fazer política? Quais deveriam ser os possíveis caminhos para a volta do ânimo à vida política?**

**Konder Comparato** - É óbvio que não se pode suprimir o sistema representativo nas sociedades modernas. Aliás, nem mesmo na democracia ateniense isso ocorreu. Os mecanismos da representação popular precisam ser constantemente aperfeiçoados. Mas é preciso ir muito além e completar a cura da moléstia que hoje nos aflige (como aflige a quase totalidade das sociedades contemporâneas), pela instituição da democracia direta e participativa.

***IHU On-Line* - Qual pode ser o real papel dos sindicatos e dos novos movimentos sociais no atual contexto? Há lugar para eles?**

**Konder Comparato** - A regeneração dos sindicatos passa necessariamente, a meu ver, por uma cura intensiva de democracia. Os sindicatos, no mundo inteiro e no nosso país em particular, têm sido oligárquicos: é sempre a minoria dirigente que comanda e autoperpetua-se no poder. E é por isso que os sindicatos têm tanta dificuldade em compreender a importância da democracia direta para a salvação da vida política. No Brasil, os sindicatos sempre estabeleceram uma

relação espúria com o Poder Executivo, tudo esperando do seu chefe.

***IHU On-Line - Como chegar a um povo politicamente educado e ativo, capaz de decidir o seu destino e o futuro do País?***

**Konder Comparato** - É preciso, para isso, convocar as instituições que sempre atuaram no campo educacional, a começar pelas igrejas cristãs, em especial a Católica. Esta última precisa, mais do que nunca, abandonar um certo ranço elitista que deforma a mensagem evangélica, e compreender que as mal chamadas elites não são mensageiras de salvação. Há setores na Igreja que sempre estiveram intimamente ligados aos pobres, humildes e pequeninos. Esses setores devem ser convidados a dirigir uma nova ação pastoral. Ainda temos enorme dificuldade em aceitar a palavra de Jesus, de que os governantes devem ser escravos (*douloi*, em grego) do povo (Mateus 20, 24-28).

***IHU On-Line - O senhor acaba de lançar o livro *Ética - Direito, Moral e Religião no Mundo Moderno*. Qual foi a sua intenção ao escrever essa obra?***

**Konder Comparato** - Minha intenção foi pôr em letra de forma sentimentos que me acompanham desde a juventude. O livro foi escrito mais com o coração do que com a razão. Com o “coração” de Pascal, que tem suas razões que a razão desconhece.

***IHU On-Line - No seu livro, o senhor dá bastante relevância à contribuição de São Francisco de Assis para a política hoje. Que contribuição seria essa?***

**Konder Comparato** - O Pobre de Assis foi, e será, sempre um modelo de transcendência ética. Quem tem medo dos “exageros” de São Francisco não está preparado para viver a regeneração do mundo.

***IHU On-Line - Quais suas expectativas para as eleições de outubro? Já fez sua opção de voto?***

**Konder Comparato** - Esta derradeira pergunta é decepcionante... Alçamo-nos às alturas evangélicas, para cairmos de ponta cabeça na mediocridade sufocante do atual momento político. Bem, o melhor é virar a página.

# **destaques da semana**

<b>Teologia Pública</b>	<b>pg. 38</b>
<b>Entrevista da Semana</b>	<b>pg. 42</b>
<b>Deu nos jornais</b>	<b>pg. 45</b>
<b>Frases da Semana</b>	<b>pg. 48</b>
<b>Notícia em destaque</b>	<b>pg. 49</b>
<b>Destaques On-Line</b>	<b>pg. 51</b>
<b>Filme da Semana</b>	<b>pg. 52</b>
<b>Memória</b>	<b>pg. 54</b>

## Amazônia, fé e ciência

Entrevista com o Antonio Donato Nobre

O 6º Simpósio Internacional **Religião, Ciência e Meio Ambiente**, cujo tema foi *O Amazonas, Fonte de Vida*, realizado em Manaus, em julho deste ano, teve diversas repercussões, principalmente o diálogo entre religião e ciência, protagonizado pelo teólogo ortodoxo grego Ioannis Zizioulas (ou João de Pérgamo, segundo seu título na hierarquia ortodoxa), e Antonio Donato Nobre, ecólogo do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa). **IHU On-Line** conversou por telefone com Donato Nobre sobre o Simpósio e sobre seu debate com o teólogo grego.

Ecólogo do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa) Antonio Donato Nobre é pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e representante institucional no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Tem experiência na área de Ecologia e Geociências, com ênfase em Biogeoquímica, atuando principalmente nos seguintes temas: evolução da vida na terra, ecologia de florestas, ciclo do carbono, efeito estufa, relações biosfera-atmosfera, hidrologia, clima e mudanças globais. Atua também em variados tópicos na agenda de desenvolvimento sustentável para a Amazônia.

Confira, a seguir, a entrevista concedida pelo ecólogo à **IHU On-Line**, que também foi publicada nas *Notícias Diárias* da Página do IHU de 24-8-2006.

### **IHU On-Line - O que o senhor guarda de mais importante na mesa-redonda com João de Pérgamo sobre religião e ciência?**

**Antonio Donato Nobre** - Impressionou-me como alguém da área religiosa, um pensador, um teólogo, manifestou que a religião precisava fazer penitência sobre a questão ambiental, por conta da interpretação que ele considera equivocada do Antigo Testamento, do "crescei, multiplicai e tomai a terra". Naquela época, era uma situação completamente diferente. Essa interpretação literal é equivocada. Normalmente, nós, de formação

científica, esperamos de um religioso uma postura mais dogmática, não aberta para a autocrítica, para discussões. Ele faz uma leitura muito interessante. Se o ser humano é obra do criador, então a natureza, segunda a qual somente o ser humano pode existir, também é obra do criador. A destruição da natureza é um pecado, assim como destruir a vida humana em qualquer nível. O teólogo afirmou também que historicamente o ser humano se desconectou do corpo. Essa antítese interna poderia se estender também além do corpo, com a mãe terra, que é o corpo maior, o que nos nutre.

### **Ciência: sabe-se o tudo sobre o nada**

Eu expus também a minha visão. A postura da ciência tem a presunção de pensar de maneira objetiva ou independente ou de ter o que já foi domínio da religião, que é a hegemonia sobre a verdade. Na religião, essa verdade era transmitida por fontes não-internas, era uma verdade externa, comunicada por profetas, por transmissões que vinham de outro mundo. E na ciência hoje, ela vem pelo chamado método científico, ou seja, de um compromisso com o questionamento. Eu fiz uma análise, mostrando que, quando nós analisamos fenômenos individuais, partículas, pontos, essa abordagem do método científico é muito eficiente. É só ver o enorme desenvolvimento da tecnologia e das ciências gerais com a perspectiva reducionista, ou seja, explica cada vez mais sobre cada vez menos, até que se sabe o tudo sobre o nada. E essa postura funcionou para explicar coisas individuais, funcionou tão bem que a humanidade está quase destruindo o Planeta.

### **Penitência da religião e da ciência**

Então, nós também temos que fazer a nossa penitência sobre ciência, porque a ciência, no momento em que ela se fragmentou e assumiu essa presunção de dominar a verdade, ela perdeu conexão com mundos muito complexos, extraordinários, que é a realidade. A realidade não funciona em pequenos pontos. E o exemplo que usei no debate foi a Amazônia, que é a expressão absolutamente superlativa de complexidade. E a ciência na Amazônia tem falhado em grande medida, ela tem conseguido muitos resultados, mas tem falhado em explicar o conjunto. Aqueles índios e caboclos que vivem lá têm uma percepção intuitiva de como funciona a floresta e o clima. Essa perspectiva o

cientista não tem, porque o método o impede.

### **Método científico tem origem bastarda**

Então, eu fiz um questionamento aberto do método. O método científico tem uma origem bastarda. E aí que eu voltei à discussão com a religião, porque, se o método científico tivesse surgido de uma absoluta espontânea evolução do inquirir, do buscar, do perseguir a informação, conhecimento e posteriormente o saber, tudo bem. Mas nós podemos pegar qualquer livro de história e ver nos últimos mil anos o número de mártires, de pessoas que tentaram usar seu pensamento livre na explicação de fenômenos vida e natureza. Eles, ou viraram carvão queimados pela inquisição, ou foram perseguidos das formas mais abjetas pelas instituições religiosas, em nome de uma verdade dogmática e intolerante. A religião tem uma responsabilidade num dado momento, os pensadores livres terminavam seus dias, ou negando suas descobertas e estudos ou eles eram queimados. Principalmente a religião católica teve um desenvolvimento do método científico na nossa civilização ocidental que espalhou pelo mundo. Hoje o método científico é universal. Com esse combate ao pensamento livre, começou a surgir um anticorpo. Como é que você protege a sua integridade? Como é que você se defende desse tipo de aberração ou perseguição? E a forma que eu imagino, por isso chamo de "método científico é bastardo", foi você ir para outro lado, ou seja, o lado oposto. Religião é fé, então eu não tenho fé, eu nego qualquer tipo de fé. Essas três coisas são as raízes do ceticismo científico, que nega tudo por antecipação, que bate em qualquer coisa nova.

**IHU On-Line - Como o senhor**

**caracteriza o diálogo entre fé e ciência? Qual o papel da natureza para compreender essa relação?**

**Antonio Donato Nobre** - São importantes atitudes como essa de João de Pérgamo, de fazer uma autocrítica. Ele a fez pelo lado da religião, eu a fiz pelo lado da ciência. Na conferência, nós mostramos um trecho de um filme que fala sobre as descobertas mais recentes da mecânica quântica de uma forma acessível. O que se sabe hoje, os físicos descobriram, usando o método científico bastardo, eles chegaram à conclusão de que a matéria não existe. O átomo é uma estrutura que tem basicamente informação. Não tem uma partícula sólida. A experiência nossa de material, de sólido, de tocável é completamente virtual, ela é baseada em processos de informação. Se fizer uma análise mais solta, notamos que as religiões propõem filosofias existenciais, a não-materialidade. Os cientistas que estão na fronteira da matéria, tanto na mecânica quântica, quanto no cosmo, estão chegando a conclusões muito semelhantes. A convergência entre o que toca o transcendente e o material infelizmente se restringiu ao material. Nós, do lado da ciência, temos que fazer outro questionamento. Por que temos aversão a qualquer coisa que é

transcendente? Acho que a transcendência faz parte inquestionável e inerente do próprio pensamento, do sentir, do existencial.

**IHU On-Line- Em que sentido a transdisciplinaridade pode ajudar a chegarmos a um ponto comum entre religião e ciência no intuito de compreender a natureza?**

**Antonio Donato Nobre** - Transdisciplinaridade é uma característica inventada porque criamos a transdisciplinaridade. Se conversasse com um filósofo grego, ele não iria ter noção do que significaria. Os sábios da Antiguidade tinham conhecimento amplo. Disciplinas surgiram com o reducionismo, e o reducionismo surgiu por conta desse processo. A ciência se isolou numa bolha. Quando começamos a explicar coisas isoladamente, esse sucesso reforçou a abordagem, ou seja, diminuí o foco e temos resultado. Se olharmos o conjunto, não temos resultado ficamos só "filosofando". Completou-se um grande ciclo, criou-se a bomba atômica e tem-se condição de destruir tudo, graças à desconexão. Transdisciplinaridade nada mais é do que a naturalidade. Tudo que é natural é transdisciplinar.

# A substituição do astrônomo do Vaticano. “Darwinista demais?”

A substituição do diretor do Observatório Astronômico do Vaticano, o jesuíta George Coyne, pelo jesuíta argentino José Gabriel Funes, conforme foi informado nas *Notícias Diárias* da página do IHU, está provocando muitas polêmicas.

Segundo o vaticanista Luigi Accattoli, em artigo publicado em 25-8-2006, no jornal italiano *Corriere della Sera* o jornal britânico *Daily Mail* anunciou a mudança com o seguinte título: ***“Papa demite o astrônomo por causa do debate sobre a evolução”***.

No Vaticano, no entanto, essa versão é negada. O motivo teria sido o estado de saúde de Coyne. Mas as mesmas fontes não negam que com a nova direção “provavelmente cessarão” as manifestações polêmicas sobre a teoria da evolução.

De que coisa, segundo o *Daily Mail*, Coyne, 73 anos, há 28 anos diretor do Observatório, que teve um papel de primeiro plano no estudo do “caso Galileu”, a pedido de Wojtyla, realizado em 1992 e que levou ao “reconhecimento de erros” por parte da Igreja, seria culpado?

Ele parece ter “irritado” o papa Ratzinger com declarações a favor de Darwin, suscetíveis de serem interpretadas como contrárias “ao desígnio divino” sobre a evolução do homem. Particularmente, Coyne debatera publicamente com o cardeal austríaco, dominicano, Christoph Schönborn, amigo do papa Ratzinger, depois que este defendera, há um ano, nos EUA, que o darwinismo era incompatível com “o credo católico que afirma a existência de um fim e um desígnio divino para a natureza”.

Coyne interveio no debate afirmando que o cardeal “não se dava conta” do contexto norte-americano da discussão, colocando-se com um aliado do “criacionismo” que ele, Coyne, definia como um “movimento religioso sem qualquer base científica”.

Um eco daquela disputa, na qual houve acusações recíprocas de radicalismo unilateral, foi possível ouvir nesta semana em Rimini, na Itália, quando o cardeal de Viena se perguntou, sem mencionar o nome de Coyne, se um “cientista que é também teólogo” pode assumir uma posição “favorável” ao darwinismo. No Vaticano as fontes sustentam que Coyne e Funes pertencem à mesma corrente liberal no que diz respeito à avaliação positiva da teoria da evolução que já Wojtyla qualificara como “mais que uma hipótese”. Mas elas também observam que Funes se atém mais a “um maior rigor científico” nas declarações públicas, convicto que a questão da evolução somente entra parcialmente na competência do Observatório Astronômico: no que diz respeito à evolução do universo

não da espécie humana. Coyne, no entanto, não tinha nenhum problema em entrar de cara no debate sobre a evolução.

Por outro lado, conforme publicado nas *Notícias Diárias* do dia 26-8-2006 nos primeiros dias de setembro, o Papa Ratzinger reúne os seus ex-alunos para discutir, em Castel Gandolfo, o tema “Criação e Evolução”. Para mais informações consulte o sítio do IHU [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)

## Entrevista da semana

# "Exploramos o "bang" do Big Bang", afirma o *pai* da inflação cósmica

Entrevista com Alan Guth

Uma das grandes idéias que têm orientado o avanço da cosmologia nos últimos anos é a inflação cósmica, um processo que teria atuado quando o universo tinha tão-somente algumas frações de segundo, aumentando-o enormemente e de forma muito rápida. Cada vez mais provas confirmam esta teoria, embora ainda não de maneira definitiva. Alan Guth, pai da inflação cósmica, esteve em Barcelona em um congresso que comemorou os 25 anos de sua proposta e foi entrevistado pelo jornal *El País*, 26-07-2006.

A conversa com Alan Guth pode produzir fascinação ou vertigem, talvez, mas dificilmente deixará indiferente alguém que, em algum momento, tenha parado para pensar no universo. Suas idéias giram em torno de perguntas imensas: Como pôde originar-se absolutamente tudo que existe, bilhões de galáxias e estrelas e planetas... a partir de quase nada, de uma fração de grama de massa? Como o universo começou a crescer? Por que o cosmo é como o observam agora os astrônomos? É possível criar um universo em um laboratório?

Guth, físico de partículas e cosmólogo estadunidense, 59 anos, professor do Massachusetts Institute of Technology, propôs há 25 anos uma idéia, um mecanismo físico chamado inflação cósmica, que soluciona questões complexas da teoria clássica do Big Bang, da grande explosão, no momento de explicar por que o universo é como é. "A inflação não nega em absoluto a teoria do Big Bang, mas a complementa", afirma ele.

Faz um quarto de século que a hipótese inflacionária está se consolidando, e hoje grande parte da cosmologia teórica e observacional mais avançada gira em torno dela. Os astrônomos, entretanto, têm encontrado mais e mais fatos observáveis que a apoiam, mas continuam sem encontrar uma prova definitiva. As *Notícias Diárias* da página do IHU reproduziu a entrevista no dia 23-8-2006.

**Como os cientistas podem investigar os primeiros instantes do universo, quase a origem de tudo que existe?**

Não é fácil, e sempre existe a possibilidade de nos equivocarmos, mas nos baseamos nas provas, nas observações de como o universo é hoje. Temos muitas informações sobre isso e, a partir delas, tentamos recuar no tempo.

**Todas as sociedades buscam explicações acerca do cosmo e de sua origem. O que caracteriza a explicação científica atual?**

O que a torna única é o fato de que ela tenta fazer previsões quantitativas derivadas das descrições teóricas. Podemos medir, por exemplo, a distância das galáxias longínquas em função da velocidade com que se afastam de nós; medimos as irregularidades de densidade da radiação de fundo cósmica, que nos chega de todas as direções no céu e que cremos que seja o brilho do Big Bang. Essa radiação é quase uniforme e foi medida com uma precisão de 1 em 100.000, mas também se detectaram as minúsculas irregularidades. O surpreendente é que não estamos remontando aos primeiros minutos ou segundos da evolução do universo, mas elaboramos teorias que abordam as primeiras frações minúsculas de segundo.

**Como se sente um cientista que tem acesso a essas etapas iniciais de tudo que existe?**

Aqui convergem dois campos: a física de partículas e a cosmologia. Creio que estas são as questões realmente fundamentais

da ciência. Não quero dizer que outros campos, como a biologia ou a neurociência ou a química... não sejam importantes, todos eles são. Mas pessoalmente me fascinam mais esses temas básicos, as leis fundamentais da natureza e como o universo chegou a ser como é.

**O que é a teoria da inflação?**

É mais uma variação na teoria convencional do Big Bang, que realmente não diz nada do *bang* em si, mas é uma descrição do universo desde pouco depois da grande explosão até agora. Por isso deixa muitas questões abertas.

É claro que a teoria convencional explica muitas coisas: como se expande e se esfria o universo primitivo, como se sintetizam os elementos leves, como a matéria no universo começa a se condensar para acabar formando grupos de galáxias, galáxias, estrelas e depois planetas.

A inflação vai mais além, não tenta explicar ainda a própria origem do universo porque começa com algo de matéria já existente, mas... costumo dizer que a inflação procura explicar o *bang* do Big Bang. A teoria aplica a física da relatividade geral de Einstein que indica que, sob certas circunstâncias, a gravidade atua como uma força repulsiva em vez da força atrativa com que estamos familiarizados.

**Alguém afirmou que, se se compara o universo com uma pessoa, a teoria do Big Bang remonta até o momento em que a criança está na maternidade do**

### **hospital, mas não antes. Até onde leva a inflação?**

Poder-se-ia dizer que, na seqüência de tempo, até uma fração ínfima de segundo depois da concepção. Mas provavelmente será melhor fazer uma comparação levando em conta o nível de desenvolvimento, e então eu diria que a inflação remonta ao estado de embrião.

### **Como é o universo inflacionário?**

Partimos de um pouquinho de universo primitivo, algo muito pequeno, algo que poderia ser bilhões de vezes menor que um próton, mas poderia ter essa matéria gravitacionalmente repulsiva. Suponhamos que exista essa região minúscula de universo primitivo e então comece a expandir-se exponencialmente, duplicando-se e duplicando de tamanho muito rapidamente, pelo menos uma centena de vezes.

No final desse processo de inflação, todo o universo, ou a região do cosmo que evoluciona até transformar-se no cosmo observável atual, seria muito maior que antes desse crescimento tremendo. Anda assim, não teria mais de 1 centímetro de diâmetro. A partir desse momento, a repulsão gravitacional deixa de atuar, e continua a expansão normal até agora, e o universo tem atualmente o tamanho de uns 13 bilhões de anos-luz.

### **Quer dizer que quando acaba essa brevíssima inflação segue a evolução segundo o modelo do Big Bang clássico?**

Exato. A inflação não substitui de maneira alguma o modelo convencional do Big Bang. O que ela faz é especificar as condições prévias.

### **Por que o período inflacionário falta na teoria convencional? Ela não é correta?**

É claro que a teoria do Big Bang tem muitas provas satisfatórias, mas também tem problemas que a inflação resolve, como o fato de que seja tremendamente uniforme e que tenha uma densidade muito próxima da massa crítica. Devo precisar que a inflação não é uma teoria única, mas um tipo de teorias com uma idéia geral comum.

### **Pode-se abordar cientificamente o instante inicial?**

Há propostas que procuram explicar a própria origem do universo. Ao formular essas hipóteses, seus autores supõem que grande parte da física existisse já inclusive antes de que existisse o universo. Mas essa suposição... não conheço nenhuma proposta que tente explicar realmente como se originam as próprias leis da física. Se se supõe isso, pode-se tentar descrever como o universo se originaria praticamente a partir do nada.

### **Poderia estar nascendo um universo agora mesmo?**

A partir do conceito de inflação, pensamos que as condições que originaram nosso universo não são únicas e que se podem criar outros praticamente em qualquer momento e em qualquer lugar. Mais ainda, o próprio processo da inflação não gera um único universo, mas um fluxo de universos, sempre há fragmentos de matéria criando universos. Chamamos isso de inflação eterna.

### **Seria possível ter informações de outros universos?**

Creemos que não, e é uma pena, porque seria muito mais divertido vê-los diretamente.

### **É possível criar um universo inflacionário em laboratório?**

Colocou-se essa possibilidade teoricamente. É claro que não temos

nada que se aproxime da tecnologia necessária para fazê-lo, porque seria imprescindível alcançar uma densidade da matéria extremamente alta, fora do alcance de nossos laboratórios atuais. Mas é interessante a colocação teórica.

A verdade é que não estou muito seguro de qual é a resposta, embora possa dizer que, utilizando uma física inteiramente clássica, com equações deterministas, seria impossível; inclusive com a relatividade geral de Einstein não é possível criar um universo inflacionário no laboratório; falta a mecânica quântica. E com uma versão quântica da relatividade... o grande problema é que não temos uma teoria tão sólida.

Além disso, ainda que se conseguisse fazer um universo inflacionário no laboratório, ele não substituiria o nosso, mas se desconectaria em uma fração minúscula de segundo e criaria seu espaço próprio. Seria muito difícil comprovar se realmente se criou ou não e, é claro, seria impossível observar sua evolução. Uma pena!

**Existe alguma prova, alguma observação, que demonstre definitivamente que a inflação cósmica é correta?**

Os detalhes da inflação dependem da física a altíssimas energias, às quais não temos acesso diretamente nos experimentos. Mas o fato de que se tenha observado, desde 1998, que a expansão do universo está se acelerando - embora não saibamos exatamente a causa e, por essa razão, chamamos isso de energia obscura - tem o efeito de situar a densidade do universo próximo à massa crítica predita pela inflação. Ademais, há observações muito precisas da radiação de fundo que se ajustam muito bem às previsões.

No futuro, serão obtidas informações ainda mais detalhadas. Também seria importante a detecção de ondas

gravitacionais com um satélite que está em projeto, o Lisa. Estas observações poderiam proporcionar provas muito consistentes, e talvez suficientes, para convencer todo o mundo de que a teoria da inflação é correta.

**Espera que lhe dêem o Prêmio Nobel?**

Não sei... quando chega novembro, sempre há pessoas que me telefonam... De qualquer modo, serei feliz se me vão dá-lo ou não.

# Deu nos jornais

Diariamente a página do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), editoria *Notícias Diárias* apresenta uma síntese das notícias com base nos principais jornais do País e do exterior. A elaboração das notícias diárias é feita em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, com sede em Curitiba, PR. Abaixo algumas notícias selecionadas, extraídas do sítio do IHU.

## **Fábrica**

As *Notícias Diárias* da página do IHU reproduziu matérias sobre a fábrica da Volkswagen em São Bernardo do Campo (SP), que ameaçou fechar a unidade em razão da perspectiva de uma drástica queda no ritmo de produção. Confira no dia 22-8-2006 e 24-8-2006. No dia 26-8-2006 as notícias diárias informam que sob o governo Lula o BNDES liberou R\$ 5,8 bi para as montadoras.

## **PUC-SP**

O cardeal-arcebispo de São Paulo, d. Cláudio Hummes, informou que a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), da qual é grão-chanceler, deixou de ser deficitária e deverá estar financeiramente saneada no prazo de um ano. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 24-8-2006.

## **Eleição de Lula? Favas contadas**

As eleições, o favoritismo de Lula, questões levantadas sobre o próximo mandato e, encontros com artistas foi tema das *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 24-8-2006. No dia 26-8-2006, sob o título **Eleição de Lula? Favas contadas** as *Notícias Diárias* publicam uma ampla matéria sobre o tema.

## **Debandada tucana**

O comando de campanha do PT acredita que se as últimas pesquisas eleitorais consolidarem a liderança de Lula com mais de 40% de intenções de voto, e a estagnação da candidatura de Geraldo Alckmin permanecer, os aliados do ex-governador de São Paulo vão iniciar uma debandada. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 23-8-2006.

## **Natural**

O ministro Tarso Genro (Relações Institucionais) vê com "naturalidade" o esforço que adversários políticos do PT realizam em alguns Estados para associar sua imagem à de Lula na propaganda eleitoral eletrônica. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 23-8-2006.

### **Programa social reduz desigualdade**

As *Notícias Diárias* da página do IHU publicou as principais constatações da pesquisa "Redistribuição à Brasileira: Ingredientes Trabalhistas", elaborada pelo Centro de Políticas Sociais da FGV. O estudo baseia-se em dados da Pesquisa Mensal de Emprego, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Veja na íntegra no dia 23-8-2006.

### **Fora da política não há salvação**

As *Notícias Diárias* da página do IHU publicou no dia 24-8-2006 um artigo do professor titular da Faculdade de Direito da USP e autor do livro *Ética - Direito, Moral e Religião no Mundo Moderno*, recém publicado, Fábio Konder.

### **A internet contra os direitos humanos**

Em pleno período eleitoral, o deputado Luiz Eduardo Greenhalgh (PT) levou ao protocolo da Embaixada Americana, em Brasília, um ofício às autoridades daquele país com pedido de ajuda para enfrentar um obstáculo que vem tentando transpor, sem sucesso, nos últimos cinco meses, como presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara. O de sensibilizar a empresa americana Google Inc. a colaborar com a comissão e com as autoridades brasileiras para combater os crimes cibernéticos (pedofilia, racismo, terrorismo, tráfico de armas, nazismo, tráfico de drogas, tráfico de mulheres, incitação ao crime contra negros, índios e homossexuais, entre outros) que, mais do que a qualquer outra sociedade, atinge os brasileiros. Os números são todos eloqüentes, mas os da pedofilia são dolorosamente assustadores. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 23-8-2006.

### **Computadores no lugar de jornalistas?**

A agência de notícias norte-americana *Thomson Financial* está usando computadores para substituírem jornalistas na redação de alguns textos. Confira a matérias nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 24-8-2006.

### **Célula-tronco "ética"**

As barreiras éticas que ainda cercam o uso médico das células-tronco embrionárias sofreram um golpe que pode se revelar decisivo. Cientistas de uma empresa americana conseguiram obter as preciosas células, consideradas a chave para a cura de inúmeras doenças, sem destruir os embriões dos quais elas provêm. . Confira a matérias nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 24-8-2006.

# Frases da semana

## **Alckmin com pés de chumbo**

”Com a cara na TV, Alckmin conserva pés de chumbo” - Josias de Souza, no seu blog, 23-8-2006.

”O chuchumbo chumbou no chão!” - José Simão, humorista - *Folha de S. Paulo*, 24-8-2006.

”A eleição acabou antes do tempo. Aliás, bem antes do tempo, porque ainda falta um mês até a urna, o voto, o resultado” - Eliane Cantanhêde, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 27-8-2006.

## **Bolsa Família**

”Nunca um programa (Bolsa Família) atingiu tão fundo os estratos sociais mais pobres do país. Esse é o diferencial de Lula, que, ao mesmo tempo, não tem recebido notícia ruim na área econômica” - Carlos Ranulfo Melo, cientista político da Universidade Federal de Minas Gerais - *Folha de S. Paulo*, 24-8-2006.

## **PSDB-PFL e PT no governo**

”Não há nada mais semelhante à coligação PSDB-PFL no poder do que o PT no governo” - Fábio Konder Comparato, professor titular da Faculdade de Direito da USP - *Folha de S. Paulo*, 24-8-2006.

## **Fraude eleitoral**

”O candidato da direita não ganhou. Eles fizeram uma fraude eleitoral. Eu estou seguro de ter ganho apesar do aparelho de Estado e da guerra suja” - André López Obrador, candidato da oposição à presidência do México - *Le Monde*, 24-8-2006.

## **Ilusão liberal**

”É um erro da ilusão liberal crer em livre mercado quando não há nem sequer um mercado interno na Bolívia. A renda per capita é a mesma há 20 anos, US\$ 850 anuais, e temos 40% da população abaixo da linha de pobreza” - Álvaro García Linera, vice-presidente da Bolívia - *Estado de S. Paulo*, 25-8-2006.

## Globalização

”A escala e o ritmo atual da globalização não tem precedentes. Mas o progresso futuro da integração global não pode ser dado como garantido” - Ben Bernanke, presidente do FED (banco central dos EUA) - Estado de S. Paulo, 26-8-2006.

## O resto

”Estamos abaixo da sociedade. Somos o resto” - Tio, 34 anos, morador de rua na Azenha com a Ipiranga, em Porto Alegre - *Zero Hora*, 27-8-20

## Daniel Ortega

”Daniel Ortega tem sido uma maldição para a Nicarágua” - Ernesto Cardenal, poeta nicaraguense - *La Jornada*, 27-8-2006.

# Notícia em destaque

Semanalmente destacaremos uma notícia publicada nas notícias diárias no sítio [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). A notícia foi publicada nas notícias diárias do dia 25-8-2006.

## A espécie humana sobreviverá? Stephen Hawking pergunta

“A espécie humana sobreviverá?”, pergunta astrofísico. “A solução está no homem” responde internauta. No mundo que é um caos social, político e ambiental, como pode a espécie humana sobreviver nos próximos 100 anos? A esta pergunta lançada pelo astrofísico inglês Stephen Hawking, mais de 25 mil pessoas responderam.

O físico escolheu a melhor resposta. A honra coube a *Semi-Mad Scientist* (cientista quase louco), com uma resposta otimista. O internauta assegura que o caos não é algo novo, mas que “esteve conosco há muito tempo”, e que, apesar de tudo, o ser humano conseguiu

sobreviver. Ele afirma que somos uma espécie que sempre se adaptou e que seguiremos nos adaptando. Ainda que reconhece que agora há perigos novos, ele identifica três ameaças graves: uma guerra nuclear, uma catástrofe biológica e a mudança climática. Ele está convencido de que “os recursos que temos agora, provavelmente, não existirão daqui a 100 anos”, mas, segundo ele, “tão pouco existiam no século passado”.

O *cientista quase louco* sustenta que se a Europa sobreviveu à peste negra do século XIV, que dizimou quase um terço da população, o ser humano logrará

superar qualquer catástrofe que possa ocorrer.

Depois ele mesmo se pergunta:

"Mas por que tenho esta fé na humanidade?" E ele responde:

"Porque devo tê-la. (...) Creio tão firmemente que sobreviveremos como creio que o sol sairá amanhã de manhã". Se não há fé na sobrevivência, não pode haver em nada mais, conclui. As respostas dadas pelos internautas foram de todo tipo. Céticas: "A espécie humana não sobreviverá". Religiosas: "Que tal crer em Jesus Cristo, amigo?" e singulares: "O melhor será ir viver nas profundidades do oceano".

A opção proposta por Hawking de viver no espaço, teve muitos adeptos. Ainda que um internauta se perguntava: "Se nos mudamos para um outro mundo depois de haver destruído um perfeitamente bom, quem garante que não vamos arruinar este também?" "Será preciso viver no espaço". "Como sobreviverá a espécie humana nos próximos cem anos?" Stephen Hawking, um dos maiores astrofísicos do mundo, lançou a pergunta no ciberespaço, como já noticiamos anteriormente neste espaço. 25 mil respostas foram postadas. Ele lançou a pergunta para chamar a atenção sobre os perigos para a espécie humana. Ele mesmo respondeu à pergunta feita. Traduzimos a resposta publicada ontem, 24-8-2006, pelo jornal espanhol *El País*.

"Eu não sei a resposta. Essa é a razão pela qual fiz a pergunta, para que as pessoas pensassem sobre ela e se tornassem conscientes dos perigos a que estamos expostos. Antes de 1940, a principal ameaça para a nossa sobrevivência vinha da colisão de asteróides com a Terra. Estas colisões causaram extinções massivas no passado, mas a última foi há 70 milhões de anos, assim que a probabilidade de que necessitemos os

serviços de Bruce Willis no futuro é pequena. Um perigo muito mais imediato é a guerra nuclear. EUA e Rússia têm, cada uma isoladamente, cabeças nucleares suficientes para matar todos os seres humanos da Terra, várias vezes. O mesmo pode ocorrer com a China. O mundo esteve perto do aniquilamento nuclear mais de uma vez nos últimos 50 anos. A ameaça diminuiu como o final da guerra fria, mas não desapareceu. Contudo há suficientes armas armazenadas como para matar a todos os seres humanos, e seu uso poderia ser desencadeado por uma acidente por parte de um país que se crê ameaçado de ataque. Além disso, nestes momentos há um novo perigo: a aquisição de armas nucleares por parte de países pequenos e potencialmente instáveis. De todas as formas, ainda que estas potências nucleares menores possam causar milhões de mortes, não ameaçarão a sobrevivência da espécie humana a não ser que provoquem um conflito entre as superpotências.

Aos perigos de colisão de asteróides e de guerra nuclear se somaram outras ameaças para nossa sobrevivência. A mudança climática está mais alterada do que nunca. Enquanto nós desejamos estabilizá-lo, e inclusive revertê-lo, por meio da redução de nossas emissões de CO<sub>2</sub>, o perigo é que chegue um ponto em que o aumento da temperatura seja irreversível.

O degelo do Ártico e do Antártico reduz a quantidade de energia solar que se reflete de volta no espaço, e isso faz aumentar ainda mais a temperatura. O aumento da temperatura do mar pode desencadear a liberação de enormes quantidade de CO<sub>2</sub> que agora estão presas no fundo do oceano e que farão que se incremente o efeito estufa. Esperemos que não acabemos com o nosso planeta irmão, Vênus, com uma

temperatura de 20 graus centígrados e com chuvas de ácido sulfúrico. Há outros perigos, como a emissão, acidental ou intencionada, de um vírus modificado geneticamente. Cada vez que aumenta nosso conhecimento tecnológico, se acrescentam novas possibilidades de que as coisas possam ser desastrosas. A espécie humana se defronta com um futuro cada vez mais perigoso. Há uma piada de mau gosto que diz que a razão de que ainda tenhamos sido visitados por extraterrestres é que quando uma civilização alcança o nosso nível de

desenvolvimento, se torna instável e destrói. De fato, eu creio que há outras razões pelas quais eles não nos visitaram, mas a história mostra o quanto é perigosa a nossa situação. A sobrevivência a longo prazo da espécie humana estará garantida somente se os terrícolas formos viver no espaço e depois, em outras estrelas. Mas isso não será possível antes de 100 anos. Assim, temos que ter muito cuidado. Talvez devemos ter esperanças que a engenharia genética nos torne mais sábios e menos agressivos.

## Destaques On-Line

Entrevistas exclusivas produzidas pelo sítio do IHU

Essa editoria veicula entrevistas exclusivas publicadas no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), durante a última semana. Seleccionamos algumas dessas entrevistas e apresentamos a lista completa de todas, que podem ser conferidas nas *Notícias Diárias* do sítio, na data correspondente.

### **Título: Uma discussão sociolingüística sobre a questão de gênero**

**Entrevistada:** Yonne Leite

**Entrevista:** Yonne Leite, professora na Universidade Gama Filho, participou do debate *Transversalidades de gênero*, promovido pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN) durante a 58ª Reunião Anual da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), que aconteceu de 16 a 21 de julho de 2006, na UFSC, em Florianópolis. Em entrevista à *IHU On-Line*, Yonne apresentou seu viés sobre o debate acerca do gênero em nossos dias. “A questão não está em se tomar a forma gramatical masculina como englobando a forma feminina, o buraco é muito mais embaixo”, afirma na entrevista. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 22-8-2006.

### **Título: Anjos das Missões: ícone da arte sacra barroca e Jesuítico-guarani**

**Entrevistado:** Édison Hüttner

**Entrevista:** Duas estátuas esculpidas em arenito provavelmente nas Missões Jesuíticas no Século XVIII estão sendo avaliadas pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Cultura Indígena (NEPCI) da PUCRS, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Encontradas em Passo Fundo, elas representam anjos ainda não identificados, com troncos e pernas cobertos parcialmente por manto e não têm

cabeça nem braços. O professor Édison Hüttner, coordenador da pesquisa, concedeu entrevista à **IHU On-Line**, ressaltando o valor histórico-científico das peças, que pesam respectivamente 157 quilos e 129,6 quilos. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 23-8-2006.

**Título: Os desafios da neurociência para a sociedade e a cultura.**

**Entrevistado: Francisco Ortega, filósofo.**

**Entrevista:** Francisco Ortega, filósofo é professor na UERJ foi um dos organizadores Congresso Internacional **Neurociências e a Sociedade Contemporânea**, realizado nos dias 2 a 4 de agosto de 2006, no Instituto Metodista Bennett, no Rio de Janeiro. Segundo ele, “o surgimento recente de áreas como “neuroeducação”, “neurodireito”, “neuroeconomia”, “neuroteologia” mostra como as neurociências estão moldando áreas da sociedade e da cultura muito distantes de seu âmbito biomédico de origem”. Para ler a íntegra da entrevista veja as *Notícias Diárias* da Página do IHU do dia 25-8-2006.

## Filme da semana

### ***Le Couperet - O Corte***

**Ficha Técnica**

**Nome:** O Corte

**Nome original:** Le Couperet

**Cor filmagem:** Colorida

**Origem:** França

**Ano produção:** 2005

**Gênero:** Comédia / Drama

**Duração:** 122 minutos

**Direção:** Costa-Gavras.

**Elenco:** José Garcia, Karin Viard, Geordy Monfils, Christa Theret, Olivier Gourmet, Ulrich Tukur, Yvon Back, Thierry Hancisse, Philippe Bardy, Michel Carcan, Marc Legein, Dieudonné Kabongo Bashila.

**Nacionalidade:** Bélgica / França / Espanha, 2005.

O comentário a seguir é da página

<http://cinerama.blogs.sapo.pt>

“Bruno Davert (José Garcia) é quadro superior de uma empresa de papel. Despedido na sequência de medidas de deslocalização e redução de pessoal, decide recuperar a sua vida. E, para isso, ele está disposto a qualquer coisa, mesmo matar os seus concorrentes directos.

Cáustico e irreverente desde o primeiro minuto, esta adaptação do livro “The Ax”, de Donald E. Westlake, versa sobre um tema já abordado em filmes como “*L'Emplois du Temps*” de Laurent Cantet (2001) e “*L'Adversaire*” de Nicole Garcia (2002).

É fácil associar o crime e as medidas anti-sociais extremas às populações mais

desfavorecidas e/ou com menos formação. Mas aqui, Costa-Gavras fala de um homem com formação superior que, ao contrário de alguns seus concorrentes que procuram trabalho em actividades menos qualificadas para continuar a sua vida, ele não concebe a mudança, nem de ramo nem de casa, por exemplo. Bruno exige a manutenção do seu *status quo*, nunca se colocando em causa, de uma forma prática, a sua subsistência.

Mas em vez de ceder ao desespero, à angústia e à raiva, Bruno transfere tudo isso para os outros. Felizmente, faltam-lhe escrúpulos. Apesar da inverosimilhança de algumas soluções, como a rapidez com que as suas vítimas confiam nele, fazemos da vingança dele a nossa. Porque Bruno é humano: impulsivo, ciumento com a mulher, preocupado com a delinquência do filho, disposto a tudo por eles, hesitante e desajeitado com a arma que usa, sempre com dificuldades em retirar do bolso a Luger que o seu pai trouxe da II Guerra Mundial. O seu plano é pouco consistente, completamente falível e, no entanto, resulta. O acaso está do lado dele. Nós também.

Ao longo do filme, Bruno passa da pistola às armas brancas, que exigem uma maior proximidade à vítima, reflexo da sua aproximação aos seus concorrentes, com quem prolonga as conversas, e hesita cada vez mais.

Em *“Le Couperet”* há uma persistente campanha de publicidade a roupa interior feminina que nos distrai do que está a acontecer, da mesma forma que a sociedade se distraiu com tudo que é material, superficial e imagem. A proposta é re-centrar a sociedade em torno do homem.

Costa-Gavras faz a tensão nascer de quase nada, de um olhar, de um ruído, ou uma arma escondida. O jogo entre aquilo que é ocultado aos personagens mas que o espectador sabe sustenta o suspense.

Karin Viard é a mãe e esposa modelo, insegura mas o pilar psicológico da unidade familiar. Mas o filme é José Garcia, numa interpretação que impressiona pela sobriedade, a loucura contida e a maldade natural.

Num ambiente cru e realista, cheio de humor negro, e de uma forma quase leve, são levantadas questões de carácter político e social, onde podemos reconhecer, com medo, algo da nossa realidade, mais ou menos próxima.

A grande vantagem (?) de Bruno é, como referiu Costa-Gavras na apresentação do filme, ele ser uma personagem amoral, para quem os fins justificam os meios. Um Maquiavel dos tempos modernos. Numa conversa familiar essa questão vem ao de cima: – O fim justifica todos meios? – Não. Exceto em tempo de guerra. – Mas só uns poucos têm acesso aos meios. – Mesmo em tempo de guerra.

Mas a guerra deste filme não é entre países, é entre indivíduos, muitas vezes ex-colegas, é sobrevivência do mais forte, o regresso da lei da selva. Darwin ficaria orgulhoso pelos progressos evolutivos do homem. Esta é a revolução dos rejeitados. Acautelem-se, porque para lá caminhamos!”

Costa-Gavras, diretor de filmes como *“Z” (1969)* e *Missing - Desaparecido (1982)*, ou ainda o mais recente *Amem (2002)*, em entrevista publicada na página <http://www.aquadesign.be/news/article-439.php> afirma que “a ideologia econômica avança claramente sobre o

humanismo e eu não posso ficar insensível a isso. Com o tempo, a economia tomou um lugar considerável. Por exemplo, os valores financeiros são cada vez mais primordiais”.

Questionado se o filme não é demasiadamente pessimista, Costa-Gravas responde:

“Realmente, não há uma mensagem de esperança. É uma guerra contínua. Eu

não poderia fazer um filme dizendo: “Aceitemos o desemprego pois ele não é um problema grave”.

E Costa-Grava continua:

“Mas há personagens extremamente positivos como a mulher de Bruno (Karin Viard) que mantém a racionalidade da família. Vê-se que ela não se interessa tanto pelos vens mas pela vida feliz”.

## Memória

# **D. Luciano Mendes de Almeida, SJ. Amigo dos pobres e defensor zeloso de suas causas (5-10-1930 - 27-8-2006)**

D. Luciano Mendes de Almeida, arcebispo de Mariana, faleceu no dia 27-8-2006.

Ele nasceu no Rio de Janeiro, em 5 de outubro de 1930, filho de Cândido Mendes de Almeida e de Emília Mello Vieira Mendes de Almeida.

Na juventude, entrou para a Companhia de Jesus, dos jesuítas. Fez seus estudos de Filosofia em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, de 1951 a 1953. Em Roma, fez seus estudos de Teologia, de 1955 a 1958. Doutorou-se em Filosofia, em 1965, na Pontifícia Universidade Gregoriana.

Voltando para o Brasil, trabalhou sempre na formação dos jovens jesuítas, especialmente nas Faculdades Anchieta – FASP – em São Paulo. Era professor de Antropologia Filosófica e Ética.

No dia 2 de maio de 1976, foi sagrado bispo. Trabalhou como bispo-auxiliar do Cardeal Arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns.

Já em 1979, foi eleito secretário-geral da CNBB, sendo presidente D. Ivo Lorscheiter. Foi reeleito para o cargo e o exerceu até 1987. Neste período, como ele conta na entrevista concedida em outubro do ano passado e publicada nas *Notícias Diárias* do dia 8-10-2006, da página [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), ele narra:

“Marcaram-me muito as injustiças com problemas de terra aqui no Brasil, especialmente o assassinato de padre Josimo<sup>95</sup>, de padre João Bosco Burnier<sup>96</sup>,

<sup>95</sup> Padre Josimo Tavares foi assassinado em maio de 1986, em Imperatriz do Maranhão por defender os posseiros do Tocantins. (Nota da *IHU On-Line*)

de Ezequiel Ramim<sup>97</sup> e a prisão dos padres Aristides e Francisco Goriou<sup>98</sup>. Tudo isso eu acompanhei de perto e marcaram-me muito a coragem desses irmãos na fé e a dureza das situações que tiveram de enfrentar e a consequência que esses fatos tiveram sobre a minha vida”<sup>99</sup>.

Em 1987, foi eleito presidente da CNBB. Em 1991, foi reeleito para o cargo que exerceu até 1994, quando, no mês de julho, mediou o debate dos candidatos a presidente da República. O debate, transmitido pela Rede TV Bandeirantes e muitas outras emissoras de rádio de todo o país, fazia parte da programação da 2ª Semana Social Brasileira cujo tema era **O Brasil que queremos. Alternativas e Protagonistas**.

Ocupou também altos cargos no governo universal da Igreja. Assim, foi membro do conselho permanente do Sínodo Episcopal desde 1987 e membro da Pontifícia Comissão Justiça e Paz desde 1992. Aí, como narra na entrevista supracitada, conheceu uma das figuras que mais o marcou: “Quem mais me impressionou em todas as situações de existência foi o cardeal Francisco Xavier Van Thuan<sup>100</sup>, que ficou nove anos na prisão incomunicável, no Vietnã. Eu tive a

<sup>96</sup> João Bosco Burnier, padre jesuíta, foi assassinado na prelaia de S. Félix do Araguaia, no dia 12 de outubro de 1976 por defender, ao lado de D. Pedro Casaldáliga, uma mulher que estava sendo torturada na delegacia local. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>97</sup> Ezequiel Ramin, padre italiano, foi assassinado na diocese de Ji-Paraná, Rondônia, por defender os posseiros do estado. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>98</sup> Padres franceses que atuavam na região do Araguaia, no sul do Pará e que por causa da defesa que faziam dos posseiros foram expulsos do Brasil pela ditadura militar. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>99</sup> A íntegra da entrevista pode ser lida nas *Notícias Diárias* do dia 28-8-2006, do sítio [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>100</sup> Cardeal do Vietnã, já morto, tem um livro de memórias publicado em várias línguas, inclusive em português. (Nota da *IHU On-Line*)

oportunidade de tratar com ele várias vezes, foi a pessoa que mais bem me fez na vida e considero uma grande graça tê-lo conhecido”.

De 1995 a 1998, foi vice-presidente do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano). Antes participou ativamente e, segundo alguns analistas, decisivamente, da 3ª Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla, no México, em 1979. Assim, como narra na entrevista supracitada, ele narra: “Eu tive oportunidade de passar por todos os países da América Central, nos anos de 1980, a serviço do CELAM, entrei em contato com a Guatemala, El Salvador, a Nicarágua, Honduras, o Panamá, mais tarde também com Cuba, e tudo isso me despertou muito a consciência da América Latina. É a situação de populações sofridas, esmagadas, incompreendidas, empobrecidas que também desperta uma grande vontade de trabalhar e ajudar. São populações, às vezes, indígenas e, às vezes, que passaram pela tristeza da escravidão. Poder comungar com essas realidades é um aspecto que me ensinou a perceber que Deus não tira as dificuldades, mas ajuda a superá-las. Não se deve pedir um milagre porque o milagre é uma exceção dentro da normalidade da vida humana, mas pedir força para enfrentar essas situações, justamente em comunhão com as outras realidades em que tantos se encontram e são muito mais árduas do que aquela que uma pessoa isoladamente pode enfrentar”.

Na mesma entrevista, também narra um acontecimento que o marcou. Segundo ele, foi um momento dramático da sua vida foi ter participado dos funerais de D. Oscar Romero, arcebispo de San Salvador, assassinado no dia 24 de março de 1980, quando celebrava a eucaristia. D. Luciano narra: “Eu fui um dos três

bispos presentes e vi a explosão da bomba, o tiroteio contra a população, as mortes na praça, vivendo um momento de grande dramaticidade, ajudando no enterro de Oscar Romero dentro da igreja, horas, e horas, junto com aquele povo que é tão sofrido”.

Em 1988, foi nomeado arcebispo de Mariana, Minas Gerais.

Na entrevista supracitada, D. Luciano afirma: “Minha vida toda é muito feliz”.

D. Jayme Chemello, bispo de Pelotas, Rio Grande do Sul, e ex-presidente da CNBB, em entrevista publicada nas *Notícias Diárias* do dia 28-8-2006, na página [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) testemunha: “A presença de Dom Luciano foi muito grande em tudo. Quase sempre ele tinha toda a razão, mesmo quando perdeu a causa da venda da *\*\*Companhia Vale do Rio Doce - CVRD\*\**, de grande importância principalmente para Minas. Mas ele, sobretudo, contribuiu no amor aos pobres, especialmente no projeto da Igreja para superar a miséria e a fome, em que Dom Luciano foi um pastor excepcional por sua atuação, por sua entrega. Ele foi esse homem que tinha um carinho com o pobre. Por exemplo, eu lembro quando ele estava em São Paulo, chegava tarde da noite em casa, porque andava sempre trabalhando muito. Antes de se recolher, ele fazia uma sopa para os mais miseráveis. Era assim Dom Luciano”.

Para o Prof. Dr. Pe. João A. A. Amazonas Mac Dowell<sup>101</sup>, reitor da FAJE, em Belo Horizonte, que conviveu com D. Luciano, quando este era formador dos jovens jesuítas, de 1968 a 1974, em entrevista publicada nas *Notícias Diárias* do dia 28-8-2006, na página eletrônica do IHU, “A influência mais decisiva que D. Luciano exerceu sobre mim, na sua convivência,

foi a abertura de horizontes antes insuspeitados no caminho da vida e da santidade, em particular, a compreensão de que é preciso abandonar qualquer cálculo racional na busca de ser bom e de fazer o bem, deixando-se levar pelo Espírito do Senhor e assumindo a loucura da cruz na total disponibilidade para o serviço dos irmãos”.

Segundo a nota da presidência da CNBB, “seu dinamismo, inteligência privilegiada, dedicação incansável e testemunho de amor à Igreja deixaram marcas profundas na Conferência Episcopal e na Igreja no Brasil. Seu amor aos pobres o fez servidor e amigo dos pobres e defensor zeloso de suas causas”.

---

<sup>101</sup> João Augusto Mac Dowell concedeu entrevista para a revista *IHU On-Line*, edição 187, sob o título *A busca pelo sentido do ser*. (Nota da *IHU On-Line*)

# **IHU em revista**

<b>Eventos</b>	<b>pg. 58</b>
<b>IHU Repórter</b>	<b>pg. 74</b>
<b>Cartas do Leitor</b>	<b>pg. 76</b>

## Eventos

# **Burocracia e Sociedade do Brasil Colonial, de Stuart Schwartz**

### **V Ciclo de Estudos sobre o Brasil: Intérpretes do Brasil – Estado e Sociedade**

No próximo *V Ciclo de Estudos sobre o Brasil: Intérpretes do Brasil - Estado e Sociedade*, a história do país continua sendo debatida. Desta vez, vamos entender as interpretações do brasilianista Stuart Schwartz, professor da Universidade de Yale.

O tema *Burocracia e Sociedade do Brasil do Colonial, de Stuart Schwartz*, um dos maiores estudiosos da sociedade colonial brasileira, será apresentado pela professora da Unisinos, Ana Silvia Volpi Scott.

Ana é mestre em História Social pela USP e doutora em História e Civilização pelo Instituto Universitário Europeu, IUE, Itália. Sua tese chama-se *Famílias, Formas de União e Reprodução Social no Noroeste Português (1700-1900)*, 1998.

O debate acontecerá no dia 29 de agosto, no Auditório Central da Unisinos e começa às 19h45min.

Confira a entrevista abaixo que a professora Ana Silvia Volpi Scott concedeu por e-mail à *IHU On-Line*.

# O brasileiro Stuart Schwartz

Entrevista com Ana Silvia Volpi Scott

**IHU On-Line - Como caracterizaria um "intérprete do Brasil"?**

**Ana Silvia Volpi Scott** - Os intérpretes do Brasil são todos aqueles intelectuais (das mais diferentes especialidades) que produziram reflexões sistematizadas sobre o Brasil, e que procuraram dar a sua contribuição para o entendimento de questões que são fundamentais para a compreensão da história e da trajetória da formação social brasileira.

**IHU On-Line - Que características deve ter o nosso diálogo com os intérpretes do Brasil?**

**Ana Silvia Volpi Scott** - Como professora e pesquisadora na área de história, acredito que devemos, inicialmente, sempre procurar o diálogo com os assim chamados "intérpretes do Brasil". Mas um diálogo franco e aberto, procurando entender os diferentes contextos nos quais os textos produzidos por esses intérpretes foram concebidos e estruturados, sem nos deixarmos guiar por pré-julgamentos ou preconceitos, que cercam a maioria destes autores que são clássicos. Ademais, estes autores, quase sempre, contam com admiradores fiéis e/ou críticos mordazes. Um bom número destes intérpretes já possui "rótulos" definidos, como foi muito bem apontado pela Prof.<sup>a</sup> Maria Stella M. Bresciani, na abertura do *V Ciclo de Estudos sobre o Brasil: Intérpretes do Brasil*, mas não devemos nos deixar "engessar" por estas posições. É nesse sentido que vejo como nós devemos estabelecer esse diálogo, sem nos deixar levar por estes rótulos e ou por interpretações consideradas "definitivas", mas tentando reconstruir o percurso e a trajetória destes intelectuais,

compreendendo como e em que condições aquela reflexão foi produzida.

**IHU On-Line - Qual seria a particularidade de Stuart Schwartz como intérprete do Brasil?**

**Ana Silvia Volpi Scott** - Inicialmente não podemos esquecer que é o olhar de um "brasileirista", isto é, um pesquisador estrangeiro que se dedica ao estudo da formação colonial brasileira. Ele se insere em um grupo importante de estudiosos, especialmente norte-americanos, que elegeram o Brasil como tema de estudo e reflexão. Uma das características marcantes dos estudos produzidos por "brasileiristas" é uma apurada pesquisa documental que dá base às interpretações e que, no caso de Schwartz<sup>102</sup>, procura analisar a sociedade colonial inserida no contexto das transformações que eram vivenciadas no contexto metropolitano, especialmente no que diz respeito à sua análise da burocracia que se instituiu no período colonial.

## Sociedade colonial

Seu trabalho é conhecido e respeitado no Brasil, e ele produziu obras fundamentais para a compreensão da formação colonial do nosso país. Além do livro em destaque, *Burocracia e Sociedade no Brasil Colonial* (São Paulo, Perspectiva, 1979), que faz um estudo aprofundado sobre a administração colonial, ele escreveu ainda *Segredos Internos* (São Paulo, Companhia das Letras, 1988), que é uma importante obra sobre a sociedade e a economia açucareira no Recôncavo

<sup>102</sup> **Stuart Schwartz**: historiador Americano, especialista no período colonial brasileiro, com ênfase na Bahia. (Nota IHU On-Line)

Baiano, e uma leitura obrigatória para todos os estudiosos que se debruçam sobre a formação colonial e o papel da agroindústria do açúcar. Destes comentários vale a pena refletir um pouco em relação a duas questões: primeiro, a importância deste grupo de "brasilianistas" e depois o que diz respeito ao enquadramento do trabalho de Schwartz no âmbito dos estudos sobre a administração colonial. Schwartz integra este grupo de "brasilianistas" que produziram importantes interpretações sobre diversos aspectos da história e da formação social brasileira. Entre eles destaca-se, por exemplo, Richard Graham<sup>103</sup> que, não por acaso, integra a seleção dos intérpretes do Brasil, proposta pelo *V Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, com a obra *Clientelismo e Política no Império*, que será objeto de discussão no dia 12 de setembro. Além destes nomes, não podemos deixar de lembrar a contribuição de outros "brasilianistas", como A.J.R. Russell-Wood<sup>104</sup>, Warren Dean<sup>105</sup>, Kenneth Maxwell<sup>106</sup>, Thomas Skidmore<sup>107</sup>, Herbert Klein<sup>108</sup>, Mary

<sup>103</sup> **Richard Graham:** historiador americano, autor de *A Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil, 1850-1914*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>104</sup> **A. J. R. Russell-Wood.** Preside atualmente o Departamento de História da Universidade John Hopkins, em Baltimore, nos EUA, e é membro da Royal Geographical Society, e da Academia Europeia de Ciências e Artes. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>105</sup> **Warren Dean:** historiador norte-americano, autor da obra *A industrialização de São Paulo*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>106</sup> **Kenneth R. Maxwell** é um historiador britânico especialista no estudo das relações entre Brasil e Portugal no século XVIII. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>107</sup> **Thomas Elliot Skidmore:** historiador norte-americano. É autor de, entre outros, *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930-1964* (1975), e *Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964-1985* (1988)(Nota da *IHU On-Line*)

Karasch, Elizabeth Kuznesof, Linda Lewin, entre outros.

Sobre a obra *Burocracia e Sociedade no Brasil Colonial*, é necessário enquadrá-la na produção historiográfica mais ampla que discute a Administração Colonial. Esta temática está intimamente vinculada a nomes como Caio Prado Jr, que, no livro clássico *Formação do Brasil Contemporâneo*, originalmente publicado em 1942, detêm-se nesta temática no capítulo intitulado "Administração"; Raymundo Faoro, que no livro *Os Donos do Poder*, (tratado na edição 19 do caderno IHU Idéias, disponível no sítio do IHU), primeira edição de 1958), aborda a questão do estamento burocrático, da obra da centralização colonial e um capítulo específico sobre os traços gerais da organização administrativa, social, econômica e financeira da Colônia.

As visões divergentes destes dois intérpretes do Brasil sobre a questão da administração são fundamentais para iniciar qualquer debate: Caio Prado, ao nos advertir para o anacronismo em se falar de separação de "funções" ou "poderes" do Estado para o período colonial, sublinhando que "*a administração colonial nada ou muito pouco apresenta daquela uniformidade e simetria que estamos hoje habituados a ver nas administrações contemporâneas. Isto é, funções bem discriminadas, competências bem definidas, disposição ordenada, segundo um princípio uniforme de hierarquia e simetria, dos diferentes órgãos administrativos; a chamada de atenção no que diz respeito à ineficiência e às brechas no sistema administrativo da colônia. "A complexidade dos órgãos, a confusão de funções e competência; a ausência de*

<sup>108</sup> **Herbert Klein:** historiador norte-americano, entre seus livros está *Slavery and the Economy of São Paulo*. (Nota da *IHU On-Line*)

*método e clareza na confecção das leis, a regulamentação esparsa, desconstruída e contraditória que a caracteriza, acrescida e complicada por uma verborragia abundante em que não faltam, às vezes, até dissertações literárias; o excesso de burocracia dos órgãos centrais em que se acumula um funcionalismo inútil e numeroso, de caráter mais deliberativo, enquanto os agentes efetivos, os executores, rareiam; a centralização administrativa que faz de Lisboa a cabeça pensante única em negócios passados a centenas de léguas que se percorrem em lentos barcos a vela".* Por sua vez, Raymundo Faoro enfatiza a ação centralizadora do Estado, entendida pelo autor como bastante eficaz. Há que se destacar também outros autores com trabalhos que, ao lado destes, dão as bases para a reflexão sobre a temática. Sublinhem-se os nomes de Charles Boxer, Dauril Alden. Além disso, não podemos esquecer o trabalho organizado por Graça Salgado, ***Fiscais e Meirinhos. A Administração no Brasil Colonial***, 1985, uma iniciativa do Arquivo Nacional.

### **Schwartz**

Neste cenário, a análise de Schwartz se destaca exatamente porque pretendeu analisar a burocracia colonial por meio do papel desempenhado pelos magistrados na Relação da Bahia, no contexto de uma interpretação inovadora que dava atenção às ações dos sujeitos históricos, isto é, explorar a temática da administração metropolitana na Colônia, por meio da ação dos agentes mandados para a Bahia, e como eles acabaram por agir e interagir na sociedade, que era marcada por conflitos de interesse e de poder (do estado e dos grupos dominantes), ao invés de se deter nos meandros da burocracia em si.

### **IHU On-Line - Como o autor aborda as relações entre Estado e Sociedade?**

**Ana Silvia Volpi Scott** – Exatamente dando ênfase à consolidação do Estado Absolutista e à importância que a burocracia assume para este processo, ele analisa a implantação e o funcionamento do Tribunal de Relação da Bahia e o perfil e a atuação do seu corpo de magistrados. Schwartz mostra que no Estado Absolutista a administração seria controlada e dirigida pela metrópole, sendo caracterizada por normas burocráticas e relações *impessoais*, que ligava os indivíduos e os grupos às instituições políticas do governo formal. Paralelamente, entretanto, ele nos mostra que se constituiu uma teia de relações *interpessoais* baseadas em interesse, parentesco ou objetivos comuns que, embora não menos formal, não contava com o reconhecimento oficial.

O interessante do estudo de Schwartz é que ele se propõe a analisar uma instituição como o Tribunal da Relação da Bahia, não só por meio da dissecação do próprio funcionamento e organização do tribunal, mas dando uma atenção fundamental às biografias e percursos familiares e profissionais dos magistrados que vieram desempenhar suas funções na Bahia e as ligações que estes indivíduos mantiveram com a sociedade colonial.

### **IHU On-Line - Qual a leitura que ele faz da burocracia na sociedade do Brasil Colonial?**

**Ana Silvia Volpi Scott** – Schwartz analisa a atuação do corpo de funcionários enviados ao Brasil e que são encarregados de pôr em prática as diretrizes do Estado. A burocracia que se institui da criação do Tribunal da Relação da Bahia tinha como função precípua garantir o direito de soberania da coroa, que se firmava com base no seu papel de guardião da justiça. Por isso mesmo, na perspectiva defendida pelo autor, a burocracia do império tinha como núcleo

uma organização judicial na qual os cargos eram ocupados por magistrados cujas vidas, *status* e planos estariam inextricavelmente ligados ao governo. Tais magistrados ocupam o lugar central na obra, pois o Tribunal da Relação constituía o elo principal entre os desejos da população e as ordens do governo real. Com base na análise destes funcionários, o autor revela que foi dada uma ênfase especial à natureza humana da burocracia e ao exame das dimensões históricas oferecidas por uma aproximação humana com relação ao governo, uma vez que para Stuart Schwartz, a compreensão do funcionamento do governo e da sociedade no Brasil colonial requer que nos voltemos para a teia complexa de outros relacionamentos sociais e econômicos que constituíram a existência colonial. Nesta abordagem é que, na opinião do autor, ele poderia oferecer uma contribuição inovadora por meio daquela pesquisa.

Um ponto de partida essencial para analisar a arquitetura do texto de Schwartz é a hipótese de que o governo e a sociedade no período colonial estruturaram-se, baseados em dois sistemas interligados de organização. Havia uma administração controlada e dirigida pela metrópole – que tinha por característica normas burocráticas e relações *impessoais*, que amarravam os indivíduos e os grupos às instituições políticas do governo. Paralelamente a esta estrutura, existiria uma teia de relações *interpessoais* baseadas em interesse, parentesco ou objetivos comuns que, embora não menos formal, não contava com o reconhecimento oficial.

Vale ressaltar também que Stuart Schwartz afirma que, apesar de tecer comentários sobre a natureza da burocracia e da sociedade colonial, seu principal intento é fazer um estudo das elites, isto é, de um lado analisar o mais alto nível da burocracia profissional, os desembargadores; de outro lado, voltar-se para os senhores de engenho e os fazendeiros de gado, que dominavam as instituições coloniais e monopolizavam os recursos econômicos e sociais disponíveis. Essa postura que dá ênfase aos estratos superiores, na sua perspectiva, não refletiria uma falta de interesse pela maioria da população. Muito ao contrário, pois reconhece que as instituições sociais e políticas no Brasil colonial funcionavam, muitas vezes, prejudicando a maioria dos indivíduos.

Ao estudar as biografias, os percursos familiares e profissionais dos magistrados, as funções exercidas no Tribunal e, sobretudo, por meio do exame das ligações que se conformam no âmbito da sociedade colonial, o autor procura evidenciar que os funcionários mais especializados da burocracia ainda continuavam a incorporar valores, atitudes e fins que nada tinham a ver com o ideal de uma administração racional.

A conclusão apresentada por Stuart Schwartz é a de que a integração da magistratura e da sociedade foi intensa, ligando a elite econômica à elite governamental, numa união de fortuna e de poder. Tal integração teria trazido benefícios a certos elementos da Colônia, em detrimento da maioria da população.

# Como o universo foi formado e como a vida apareceu nele?

## II Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: um diálogo desde a Filosofia

Uma pergunta que, certamente, todos nós já nos fizemos, é o tema da segunda atividade do **II Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: um diálogo desde a Filosofia**: *Como o Universo foi formado e como a vida apareceu nele?* Para tentar responder à questão e estabelecer um debate com a comunidade acadêmica, o Prof. Dr. Ênio Frota da Silveira, docente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), proferirá a conferência assim intitulada, em 30 de agosto, próxima quarta-feira. A atividade acontecerá das 17h30min às 19h, na Sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Adiantando alguns aspectos do que trará nessa oportunidade, o físico concedeu por e-mail a entrevista que segue à **IHU On-Line**. Silveira é graduado em Física, especialista em Engenharia Nuclear e mestre em Física, todos cursos pela PUC-Rio. Doutorou-se em Física Nuclear pela Universidade Paris Sul, França, com a tese *Etude des Mecanismes de Reactions Nucleaires, par Correlations Angulaires*. cursou pós-doutorado na Texas AM University (TAMU), nos Estados Unidos. É autor de dezenas de artigos técnicos, publicados em revistas especializadas.

## O Big Bang ainda é a melhor explicação

Entrevista com Ênio Frota da Silveira

**IHU On-Line - Quais são os maiores desafios da Física em nosso século?**

**Ênio Frota da Silveira** – A pesquisa em Física continua avançando em três direções principais: o muito pequeno, o muito grande e o mais complexo. Grandes máquinas são feitas para pesquisar as leis do mundo subatômico; projetos grandiosos nos

permitem saber que algumas galáxias estão em rota de colisão; cálculos cada vez mais precisos revelam segredos de estrutura molecular e nos dão acesso à bioquímica moderna e à nanotecnologia, por exemplo.

**IHU On-Line - Qual é a importância de se estabelecer um diálogo**

### **entre a Física e ciências como a Filosofia?**

**Ênio Frota da Silveira** – O mundo é um só e o conhecimento sobre ele não é, nem pode ser, estanque. Cada ciência tem seu foco de estudo, mas tem também fronteiras ou mesmo alguma superposição com outras. O diálogo entre elas só pode ser saudável na busca da verdade.

### **IHU On-Line - Quais são os principais progressos obtidos na Física a partir dessa confluência de saberes?**

**Ênio Frota da Silveira** – A Física visa, em última análise, a compreender e a descrever o comportamento da natureza. Neste desafio, ela precisa ter uma estrutura epistemológica, racional, formal, assim como estar munida de ferramentas lógicas e poderosas para fazer previsões. Estas necessidades são em grande parte supridas pela Filosofia e pela Matemática, saberes fundamentais e imprescindíveis para a Física.

### **IHU On-Line - Como o Universo foi formado? Como se deu o advento da vida nele e quando isso aconteceu?**

**Ênio Frota da Silveira** – A melhor teoria que temos neste momento é a do big bang. Observações astronômicas indicam que há aproximadamente 14 bilhões de anos, uma violentíssima explosão deve ter ocorrido. Nos instantes iniciais, em que a temperatura era inimaginavelmente alta, a matéria encontrava-se toda pulverizada em sua forma mais fundamental possível. Se houve outros big bangs antes do big bang que acreditamos, provavelmente ninguém nunca saberá porque toda ou quase toda a memória do Universo se perdeu na explosão.

Observações recentes favorecem a hipótese de que este big bang é irreversível: isto é, a expansão continuará indefinidamente, não haverá retorno e – em consequência – não teremos explosões futuras desse tipo.

De acordo com esta teoria, o Universo (conhecido), por estar em expansão, esfria inexoravelmente. Devido aos sucessivos colapsos e explosões localizados, átomos, moléculas, corpos maiores e mais complexos foram sendo formados e reorganizados, dando origem a galáxias, estrelas, planetas como a Terra, e enfim, a nós mesmos. Apesar de nunca termos encontrado um dinossauro, ou visto uma fotografia dele, não há a menor dúvida de que existiram. Também não há dúvida de que somos formados por pó de estrelas: houve uma época em que todos os nossos átomos estavam dispersos dentro de uma estrela que – ao explodir – deixou descendentes. Somos constituídos de material tão velho quanto o do Sol, nosso irmão cósmico.

### **IHU On-Line - Quais as teorias que mais nos ajudam a entender o surgimento da vida?**

**Ênio Frota da Silveira** – O primeiro modelo é o mais aceito e baseia-se nas experiências de Miller & Urey<sup>109</sup> com

---

<sup>109</sup> **Miller & Urey:** foi uma experiência concebida para testar a hipótese de Oparin e Haldane sobre a origem da vida. Segundo esta hipótese, as condições na Terra primitiva favoreciam a ocorrência de reacções químicas que transformavam compostos inorgânicos em compostos orgânicos precursores da vida. Em 1953, Stanley L. Miller e Harold C. Urey da Universidade de Chicago realizaram uma experiência para testar a hipótese de Oparin e Haldane que ficou conhecida pelos nomes dos cientistas. Esta experiência tornou-se na experiência clássica sobre a origem da vida. (**Nota IHU On-Line**)

descargas em gases. Eles consideraram uma atmosfera primitiva constituída por CH<sub>4</sub>, H<sub>2</sub>, H<sub>2</sub>O (vapor) e NH<sub>3</sub>. Alternativas seriam CO, N<sub>2</sub>, e H<sub>2</sub>O ou então CO, N<sub>2</sub> e H<sub>2</sub>, misturas bastante favoráveis à formação de moléculas pré-bióticas, como aminoácidos, por exemplo.

O segundo modelo baseia-se na descoberta de hipertermofilas, microorganismos anaeróbicos que adoram fazer sauna a 90° C, perto de escapes caloríficos abissais. Nesses locais, a temperatura varia de 350° C (na abertura) a 4° C (nas vizinhanças), permitindo a polimerização e o desenvolvimento de vida. Entretanto, como a alta temperatura desestabiliza material genético como o DNA, acredita-se que tais micróbios não sejam seres precursores e sim frutos de uma adaptação ao meio.

O terceiro modelo considera três transportadores extraterrestres: pó/grão cósmico, meteoros e cometas. Estima-se em 300 toneladas a massa de compostos contendo carbono que chega à Terra por ano, número que pode ter sido 100 vezes maior no passado. É fato que mais de uma centena de compostos orgânicos (incluindo pequenas biomoléculas) já foram identificados no espaço exterior. Teria um destes correios cósmicos trazido a *célula-Eva*?

***IHU On-Line - De que forma a descoberta dessas informações***

**pode fazer avançar melhorias no cotidiano das pessoas?**

**Ênio Frota da Silveira** - Descobrir que o Universo está em expansão ou que a vida na Terra teve início há quase 4 bilhões de anos necessita de uma grande cultura científica. Este tipo de informação tem grandes implicações filosóficas e teológicas porque expõe a nossa humilde condição com relação ao mundo que nos cerca: ajuda a sabermos nossa origem e quem somos. Entretanto, a humanidade só teve acesso a tais informações no século XX e não creio que a qualidade de vida tenha mudado devido diretamente a isso.

***IHU On-Line - Assim como a Terra foi formada e apareceu vida nela, poderia ter acontecido a mesma coisa em outros planetas?***

**Ênio Frota da Silveira** - Sim, claro. Temos informações de que as leis fundamentais da Física, tal como vamos pouco a pouco descobrindo, devem ser universais. Por consequência, as leis da Química e da Biologia também devem ser. Havendo condições iniciais semelhantes, as evoluções locais da natureza devem ser muito parecidas. Todavia, no caso de sistema solar, tais condições não são semelhantes, e a vida parece estar presente só na Terra.

# A História contada e a História escrita nas Missões Jesuíticas

IHU Idéias

O **IHU Idéias** desta semana, marcado para 31 de agosto, das 17h30min às 19h, tem como tema *Fronteiras culturais entre a História contada e a História escrita nas Missões Jesuíticas*. A palestrante é a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina dos Santos, docente na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O evento é uma preparação para o seminário *A Globalização e os Jesuítas*, que acontecerá em setembro na Unisinos, é aberto a toda a comunidade acadêmica e gratuito, acontece na Sala 1G119 do IHU. Graduada em História pela PUCRS, a pesquisadora concluiu o Mestrado na mesma área, também na PUCRS, com a dissertação *Os Movimentos Guarani de resistência à colonização da Bacia Platina (1537-1660)*. Seu Doutorado em Antropologia da América foi realizado na Universidade Complutense, de Madrid, na Espanha. Sua tese intitula-se *Aspectos de la resistencia Guarani: Los Proyectos de Integración en el Virreinato del Río de la Plata (1786-1805)*. Organizou o CD-ROM *Xamanismo e Cura na Coleção De Angelis*. Porto Alegre: CNPq, PUCRS, 2003.

## **IHU On-Line - Quais são as fronteiras culturais entre a história contada e a história escrita nas Missões Jesuíticas?**

**Maria Cristina dos Santos -** *Cultura e identidade étnica* são conceitos associados com a delimitação e controle de um território, com abrangência e domínio de uma língua e o grau de identificação e auto-identificação dos respectivos habitantes. Desta forma, fronteira não é simplesmente um limite geográfico tampouco um indicador de separação. Antes de tudo indica um espaço onde são construídos e desenvolvem-se vários processos interconectados.

Ao longo do processo de conquista do mundo colonial e, justaposto a este, as construções das Missões Jesuíticas, circularam e comunicaram-se diferentes personagens de um mesmo mundo – de

um lado, padres missionários, autoridades eclesiais e civis, conquistadores, colonizadores e, de outro lado, mulheres, crianças e lideranças indígenas –; criando mundos diferentes com os mesmos personagens. Essas fronteiras são, portanto, os limites ou as zonas de intersecção culturais construídas ou adaptadas por meio de atitudes e/ou diálogos entre os personagens que viveram no período missionário.

## **IHU On-Line - Poderia apontar as principais diferenças que esses dois tipos de narrativas trazem sobre a história das missões Jesuíticas?**

**Maria Cristina dos Santos -** Neste estudo, a história contada refere-se preponderantemente àquela que os indígenas contam aos missionários e a história escrita àquela que os

missioneiros registraram na documentação. São duas formas de narrar um evento, que trazem consigo diferentes objetivos, formas e destinatários. Uma história contada transformada em história escrita fica – *grosso modo* - submissa às condições, formas e destinatários desta última. Mas nem sempre! Por exemplo, em 1634, nas proximidades de Iguazu o missioneiro escreve o seguinte registro: *“aconteceu, pois, que um moço de 18 anos muito simples, envergonhado e de bons costumes, veio numa manhã querendo confessar-se com o P. Salazar. O Padre o viu tão confuso, corado de vergonha que lhe perguntou o que tinha, qual era a causa de sua vergonha. O moço antes de confessar-se disse ao Padre o seguinte: - Padre, esta noite eu vi uma coisa muito linda, com asas resplandecentes e me disse que os moradores desta redução lhe fizeram uma caixa porque queria morar com eles, que lhes trouxesse cera porque ele trazia suas varinhas de arco, etc.(sic) Ao ouvir aquilo, o Padre lhe disse que esquecesse o fato, que aquilo, sem dúvida era o Demônio que pretendia enganá-lo, aparecia como Anjo de Luz para enganar aos homens. (...) Nas noites seguintes, apareceu várias vezes ao moço e, os demais indígenas que estavam na choça onde isto acontecia, não viam nada, somente ouviam vozes e ruídos (...) Ao moço, apareceu como Nossa Senhora com o menino no colo dizendo que: não morreriam de fome pelos rios e que não sofreriam com os danos provocados pelos Portugueses, se os mais espertos fizessem diante dela uma oração. Tenho misericórdia de vocês, dizia, porque no ano passado a fome e a diarreia consumiu a população. Olhem! Por onde forem estarão em perigo, e aqueles que se esconderem na floresta serão comidos pelos tigres. Se vocês acreditarem em mim, farei que a terra engula esses*

*portugueses que tanto incomodam vocês. Gostaria muito que os Padres me levassem em procissão para a Igreja, com os cantores e que os caciques viessem a beijar-me os pés. No sábado, porque é meu dia na Igreja e no seguinte suarei neste banquinho.* O relato do documento intitulado “Estado General de las Doctrinas del Paraná y Uruguay” (MCA, Vol. III, p.53-54) inicia apresentando o indígena que recebe a aparição, o qual relata o fenômeno ao padre, enquanto procura o sacramento da confissão. O autor do registro classifica a aparição – a princípio dotada de características santas -, como uma intervenção demoníaca. Continua o relato, indicando a interrupção destas aparições ao indígena, caracterizando tal imagem como a Virgem Maria, com o menino nos braços. E, mesmo sendo um fenômeno visível somente por um indígena, o sermão da suposta Virgem Maria é repleto de promessas, ameaças e solicitações para o coletivo. As promessas e ameaças estão registradas de maneira semelhante às práticas xamânicas, tais como fim da fome, extermínio dos portugueses, transformação dos fugitivos em tigres. Além disso, nesta passagem de uma história contada para uma história escrita, o ‘suor milagroso’ normalmente referido como confirmação física de intervenções divinas, aparece sob o jugo de uma força não-divina. As zonas de intersecção cultural entre mundos e personagens ficam ainda mais complexas com o registro da solicitação de reverência dos meninos-cantores e caciques, bem como a permissão jesuítica para integrar uma procissão. (Berto, C. 2005: 151-153)

Como se vê, as fronteiras entre a história contada e a história escrita, têm na documentação histórica das Missões Jesuíticas, um terreno bastante fértil. Um indígena conta um caso, um sonho, uma visão para o padre e este ao registrá-lo

transforma-o naquilo que se faz necessário para seus objetivos, formas e destinatários. Entretanto, permanecem pistas do diálogo cultural ocorrido entre personagens diferentes, de mundos diferentes, quando constroem esse mundo diferenciado de jesuítas e indígenas no período colonial.

***IHU On-Line* - Quais são as principais fontes da história contada e escrita das missões? Como essa história é preservada entre os descendentes de guaranis?**

**Maria Cristina dos Santos** - Os indígenas privilegiam a tradição oral para preservação da memória, costumes, línguas e tradições. Antropólogos e etnógrafos buscam recolher estas tradições e analisá-las à luz das teorias antropológicas. Os historiadores privilegiam as fontes escritas da documentação produzida no período colonial. Tanto os estudos de campo de antropólogos como a análise documental realizada pelos historiadores contribuem para compreender os múltiplos elementos culturais presentes na história indígena, contada pelos missionários e, nos aspectos daquela história de missões que permanecem ainda hoje na fala dos indígenas.

***IHU On-Line* - Como e em quais momentos a resistência guarani se apresentou nas missões jesuíticas? Quais foram as principais manifestações dessa resistência?**

**Maria Cristina dos Santos** - Os momentos mais clássicos da resistência guarani nas missões jesuíticas aparecem na historiografia produzida sobre o tema na década de 1980/90. Esse período é marcado por publicações e pesquisas onde constantemente aparecem expressões como “trauma da conquista”, “história dos vencidos”, “a voz do outro”, etc. Estes estudos demonstravam como os Guarani, tidos até então como dóceis cristãos, também haviam tentado impedir a conquista e conversão ao cristianismo. Na verdade, existem registros de rebeliões tais como, as lideradas por Oberá (1579), Miguel Artiguaye (1614), Ñesú e Potirava (1628), Yaguacaporo (1635-37), Rodrigo Yaguaribay (1660), entre outros. Mas, ao contrário de enfatizar somente os aspectos de rebeldia, oposição ou ameaças presentes nestes eventos, a tendência dos estudos realizados atualmente é analisar os diversos potenciais de informação da documentação destes eventos, entre os quais tem se destacado a capacidade de compreensão das tradições culturais indígenas, presente nos relatos de alguns missionários.

## O Sétimo Selo Cinema e Saúde Coletiva

A obra-prima *O Sétimo Selo* (*Det sjunde inseglet*, 1956) do cineasta sueco Ernst Ingmar Bergman continua em debate. Desta vez, a história que tem por tema fundamentalmente o medo da morte, um cavaleiro que volta da *Cruzada da Fé* para encontrar em sua terra a peste e a morte. Quando ele mesmo se depara com a personificação da morte, aceita-a como um visitante esperado, mas propõe-lhe uma negociação – numa disputa de xadrez - para que possa ganhar tempo e indagar sobre o sentido da vida e, conseqüentemente, o sentido da morte) será debatida no evento, *Cinema e Saúde Coletiva*.

No dia 29 de agosto, os professores José Alberto Baldissera, da Unisinos, e Jair Ferreira, da UFRGS, discutirão, na sala 1G119, o filme. O evento começará às 8h30 min. No dia 26 de agosto, *O Sétimo Selo* foi debatido no evento *Idade Média e Cinema II*.

## Henrique V Idade Média e Cinema II

Dando continuidade aos estudos medievais pela sétima arte, o evento **Idade Média e Cinema II** do próximo dia 2 de setembro vai exibir e debater o filme *Henrique V* de Kenneth Branagh.

O ator, diretor e roteirista irlandês, Kenneth Charles Branagh (1960) realizou em 1989 o filme *Henrique V*, recebendo duas indicações ao Oscar, de melhor ator e melhor diretor. O filme é uma adaptação de Shakespeare para o cinema. O Rei Henrique V da Inglaterra é insultado pelo Rei da França. Por conseqüência, ele lidera seu exército contra os franceses, fazendo-o ficar em constante atenção para deixar suas tropas motivadas e unidas. A exibição de *Henrique V* acontece na sala 1G119 e começa às 8h30min.

# Encenações shakespearianas

Entrevista com Cybele Crossetti de Almeida

O filme *Henrique V* será debatido pela professora Cybele Crossetti de Almeida, do Departamento de História da UFRGS. Com bacharelado e licenciatura em História pela UFRGS, Cybele Almeida é mestre em Educação pela mesma universidade e doutora em História pela *Universität Bielefeld*, da Alemanha, tendo sua tese o título ***Relações de poder em Colônia na idade média tardia***. Cybele concedeu entrevista à edição 155, de 12 de setembro de 2005, da *IHU On-Line* sobre o filme *Joana d'Arc*, exibido e debatido a primeira edição do evento **Idade Média e Cinema**. A entrevista abaixo foi concedida por e-mail à *IHU On-Line*.

## ***IHU On-Line* - Como avalia o trabalho do diretor o Kenneth Branagh?**

**Cybele Crossetti de Almeida** - O filme de Kenneth Branagh é uma bela reconstituição da peça homônima de William Shakespeare, inserindo-se, portanto, numa tradição de encenações shakespearianas desse diretor, que já lhe renderam em 2001 um prêmio honorífico do *Shakespeare Institute*, da Universidade de Birmingham, pela difusão das obras de Shakespeare. Cabe destacar não apenas a fidelidade ao texto shakespeariano, mas também o cuidado com o cenário e figurino, além da trilha sonora de Patrik Doyle que destaca o caráter ao mesmo tempo épico e intimista deste filme.

## ***IHU On-Line* - Qual a importância da religiosidade no filme?**

**Cybele Crossetti de Almeida** - Há dois enfoques sobre o tema no filme, um positivo e outro negativo. É apresentada positivamente a religiosidade do rei Henrique que, ou na véspera da batalha decisiva de Azincourt, ou na sua declaração após a vitória ao atribuí-la a Deus, ou ainda ao participar dos rituais de enterro dos mortos ao som do *Te Deum*, insere-se em uma das

representações tradicionais dos reis medievais como *rex christianus*. Vemos também uma imagem bastante negativa da Igreja, por meio de dois dos seus representantes (o arcebispo da Cantuária e o bispo de Ely), que aparecem como fomentadores do conflito entre França e Inglaterra por motivos torpes, para desviar a atenção do monarca de um projeto de lei que pretendia taxar com impostos os bens da Igreja. Seria o caso de se questionar se essa visão extremamente materialista da Igreja Católica não foi inserida no texto por Shakespeare para agradar Elisabeth I, filha de Henrique VIII, e que havia subido ao trono com a forte oposição dos católicos.

## ***IHU On-Line* - Qual o maior mérito de Henrique V como obra cinematográfica e histórica?**

**Cybele Crossetti de Almeida** - Penso que o maior mérito de Henrique V como obra cinematográfica é trazer ao público o belíssimo texto de Shakespeare - com muito poucas alterações - e permitir a discussão de problemas centrais para a compreensão da Idade Média e para a reflexão sobre a nossa sociedade, que aperfeiçoou a forma de fazer a guerra,

que continua sendo uma questão da maior importância a ser discutida, analisada e controlada.

**IHU On-Line - O que a obra de Kenneth Branagh traz de novo com relação às outras obras que contam a história de Henrique V?**

**Cybele Crossetti de Almeida** - A primeira versão, de 1944, foi levada ao cinema por Laurence Olivier, e a segunda, de 1989, tem Kenneth Branagh na direção e no papel principal. Embora ambas as versões sejam consideravelmente fiéis ao texto de Shakespeare, elas diferem bastante entre si. A versão de Laurence Olivier inicia como se fosse a encenação da própria peça de Shakespeare no ano de 1600, no teatro Globe, uma encenação em que não apenas o palco, mas também o público da época é mostrado e interage com a peça, como era costume então. A versão de Kenneth Branagh parte de um palco moderno com luminárias e todos os recursos da nova tecnologia e – literalmente – abre uma porta para um outro mundo, no qual a peça aparece não mais como encenação, mas como reconstrução histórica de um passado realmente vivido. Enquanto no filme de Laurence Olivier predomina o estilo teatral artificial, propositalmente não-naturalista<sup>110</sup>, com exceção da batalha de Azincourt, no filme de Kenneth Branagh ocorre o inverso, com o predomínio do naturalismo, quebrado apenas no início e no final do filme, além de algumas breves aparições do narrador, que faz o papel do coro. Ao contrário de Laurence Olivier, que "omitiu uma série de cenas ou parte delas, talvez com intenção de amenizar

<sup>110</sup> T. F. N. DINIZ, Representação e identidade: Shakespeare nos Anos 40, em R. ANTELO, (org.) *Identidade e representação*. Florianópolis: UFSC, 1994. p. 237-56, aqui p. 240. (Nota da Entrevistada)

ou esconder tudo o que pudesse lançar dúvidas no caráter do rei ou em seus motivos"<sup>111</sup>, Kenneth Branagh foi mais fiel ao texto original de Shakespeare. Entre as omissões da versão mais antiga, destacam-se parte da ameaça à cidade sitiada de Harfleur e o enforcamento de Bardolfo, ambos presentes na versão mais recente de Branagh que, desse modo, deixa transparecer grande parte da ambigüidade do jovem rei, o que o faz parecer mais humano e menos como uma figura idealizada.

**IHU On-Line - Como a Idade Média retratada no cinema ajuda a compreender a história desse período?**

**Cybele Crossetti de Almeida** - O cinema e a literatura nos permitem reconstruir, se não os fatos, o *ambiente*, a *atmosfera* de outras épocas. Filmes como *Henrique V* oferecem a oportunidade de se discutirem temas centrais para a história e a civilização da Idade Média, como a forma de pensar e travar a guerra. Temas que, sob vários pontos de vista, ainda permanecem atuais e relevantes para nós no século XXI. No entanto, é preciso ter em mente que são representadas versões que, graças à liberdade ficcional, lidam com a imaginação do espectador e não têm a obrigação do historiador em reproduzir os fatos o mais fielmente possível. Tanto o cinema quanto a literatura freqüentemente sintetizam em alguns personagens e situações processos muito mais amplos e complexos. O próprio filme Henrique V – novamente baseado na peça de Shakespeare – chama a atenção para este fato na fala de abertura do narrador, substituto moderno para o coro, que afirma que o teatro representa um reino e os atores, príncipes. Daí a

<sup>111</sup> T. F. N. DINIZ. Representação e identidade, op. cit., p. 240. (Nota da Entrevistada)

importância de eventos como o ciclo **Idade Média e Cinema**, no qual filmes

contextualizados na Idade Média são apresentados e discutidos com o público.

## **Ética, alcoolismo e drogas na juventude**

### **Encontros de Ética**

*Ética, alcoolismo e drogas na juventude* é o tema que a Dr.<sup>a</sup> Marta Comte apresentará nos *Encontros de Ética* de segunda-feira, 4 de setembro. A atividade, aberta a toda comunidade acadêmica, tem entrada franca e vai das 17h30min às 19 horas, na sala 1G119 do IHU. Marta Comte trabalhou de 1987 a 2000 na Cruz Vermelha Brasileira, coordenando um hospital-dia para toxicômanos e, atualmente, é professora no curso de Psicologia da Unisinos. Confira abaixo a entrevista concedida por e-mail a *IHU On-Line*.

#### ***IHU On-Line* - Que abordagem a senhora faz na sua pesquisa sobre ética, alcoolismo e drogas na juventude?**

**Marta Comte** - A abordagem é do sintoma social. Portanto, em uma sociedade de consumo que estimula todo o tipo de consumo e que se dirige para crianças e adolescentes como consumidores é preciso pensar na ética e nos direitos humanos, isto é, analisar o estímulo ao consumo indiscriminado como ameaça e o consumo de produtos, entre eles álcool e drogas, como uma consequência a estilos de vida impostos por imperativos.

#### ***IHU On-Line* - Como a senhora vê a questão das drogas lícitas e ilícitas no Brasil e no mundo?**

**Marta Comte** - A definição de drogas lícitas e ilícitas, a cada época, responde a interesses econômicos e culturais, do que

a análise do impacto social do consumo. A repressão às drogas é uma tendência mundial, por falta de políticas públicas compensatórias, éticas e coerentes que considerem os resultados do laço social pautado pelo mercado "livre". O impacto do uso do álcool no nosso país relaciona-se com aumento da violência doméstica e criminalidade em geral, acidentes de trânsito e no trabalho, entre outros.

#### ***IHU On-Line* - Quais seriam as principais ações de saúde pública para o enfrentamento dos problemas relacionados ao uso de substâncias?**

**Marta Comte** - No trabalho, o uso de álcool e drogas é responsável por 50% do absenteísmo e das licenças de saúde, atrasos, acidentes de trabalho, baixa produtividade, desperdício de matéria-prima, rotatividade e sobrecarga dos serviços médicos (ABEAD, 1990). O Sesi/RS (Fridman e Pellegrini, 1995)

detectou 34% dos funcionários com problemas relacionados ao uso de álcool, 30,5 % de fumantes, 70% de consumidores de medicamentos com componentes psicoativos, 13,4% dos familiares dos funcionários fazem uso freqüente de drogas ilícitas, em uma pesquisa com 40 empresas gaúchas (públicas e privadas). No trânsito, 75% dos acidentes fatais estão ligados ao abuso de álcool; 61% das pessoas envolvidas em acidentes de trânsito e 56,2% das que sofreram atropelamentos apresentavam alcoolemia positiva (Abedetran, 1997). Porto Alegre está em 30 lugar, dentre as regiões metropolitanas, em taxa de óbitos ligados a acidentes de trânsito somente na faixa etária entre 15 e 24 anos. (SIM/DATASUS/1997).

***IHU On-Line - A senhora considera o professor ou os profissionais de saúde brasileiros preparados para abordar o tema álcool e drogas? Quais os riscos de uma abordagem inadequada destes temas?***

**Marta Comte** - Os profissionais em geral não se sentem preparados, pois, ao longo dos últimos anos, este tema ficou sob a coordenação de especialistas, o que prejudicou muito o avanço de ações em diferentes setores da sociedade. É preciso ampliar a formação, torná-la acessível aos profissionais e estabelecer trocas para que o saber em torno do tema seja socializado. O perigo de uma abordagem inadequada é recrudescer o preconceito e a exclusão social, bem como tornar a abordagem desacreditada pelos jovens.

***IHU On-Line - Que marcas vão deixando o álcool e as drogas na personalidade do jovem?***

**Marta Comte** - Como qualquer experiência, quando em excesso, produz marcas difíceis de serem elaboradas. Quando a pessoa consegue pedir ajuda e a abordagem é ética e respeitosa dos direitos humanos e, além disto, há respaldo familiar, é possível encontrar saídas de crescimento e inclusão social com resgate de laços afetivos com a família, no trabalho, no estudo e sociais.

## Márcia Lopes Duarte



A maternidade, as letras, a docência... Três grandes paixões que se encontram na professora e coordenadora adjunta do Curso de Formação de Escritores e Agentes Literários, Márcia Lopes Duarte. Suas origens caxienses foram-se misturando com o sotaque e o jeito de Porto Alegre. Márcia conta, na entrevista a seguir, sua trajetória de vida e mostra-se entusiasta com o novo desafio de formar escritores e agentes literários.

**Origens** - Nasci no dia 21 de maio de 1969, em Caxias do Sul, onde passei minha infância. Os meus pais são professores, e minha mãe trabalhava numa biblioteca. Então, minha lembrança de infância está ligada aos livros, talvez por isso hoje eu tenha essa afinidade com os livros. A minha mãe ia trabalhar, e, às vezes, eu tinha que ir junto. Ficava horas no meio dos livros e tinha uma fascinação por eles, pois, para mim, aquela biblioteca parecia imensa.

**Porto Alegre** - Fiz parte dos estudos em Caxias, parte em Porto Alegre, no Colégio Anchieta. Fui para a capital gaúcha com 12 anos. O meu irmão já estava na faculdade, morando com uma tia. Ele estava cursando Geologia na UFRGS. A ida para Porto Alegre foi bem difícil. Eu gostava muito, até hoje gosto, dessa coisa do interior, da proximidade das pessoas. E Porto Alegre é uma cidade muito fria num primeiro contato, depois vai melhorando, mas, nos primeiros tempos, tive muita dificuldade, era muito diferente. Tinha um sotaque muito carregado, e as pessoas mexiam muito comigo. Depois, adaptei-me.

**Universidade** - Saí do Ensino Médio e fiz um ano e meio de Farmácia na UFRGS. Eu achava que ser professora, como os meus pais, não tinha futuro. Mas, na Farmácia, eu não me encontrava. Lembro que os meus colegas estudavam muito para as provas de Química e eu não tinha a mínima paciência. Até três meses antes do vestibular, queria fazer História, mas depois pensei em Farmácia, pois era algo bem diferente, mexer com produtos químicos, fazer remédios e perfumes. Foi uma decisão de impulso, mas nunca foi o que eu queria. Até gostei de algumas coisas, mas é uma faculdade muito técnica, precisa estar muito centrado. Os meus colegas eram muitos empenhados, então pensava, “não é o que eu quero, se eu quisesse mesmo eu ia me empenhar como os outros”, pois sempre fui estudiosa.

**Letras** - Quando resolvi trocar de curso, fui atrás do que amava. Eu sempre gostei muito de ler, então fiz transferência interna na UFRGS e fui para Letras. Quando acabei a faculdade, eu entrei no mestrado em Letras, acabei o mestrado e fiz o doutorado. Todos na UFRGS.

**Trabalho** - Minha chegada à Unisinos aconteceu em 1998. Fiz seleção ainda para a antiga disciplina de Português do Básico e foi bem legal. Desde o início, eu gostei muito do ambiente. Antes disso, eu havia dado aula no La Salle, em Canoas.

**Escritores** - Em novembro do ano passado o Fabrício Carpinejar montou uma comissão para planejar o curso de Formação de Escritores (confira no sítio do IHU a seção *Notícias Diárias* do dia 6 de junho de 2006 sobre o assunto). De novembro a janeiro, nós fizemos o projeto do curso, depois as adaptações, e, quando ele foi chamado para ser coordenador, pediu que eu assumisse como coordenadora adjunta, cargo que ocupo desde maio deste ano.

**Atualidade** - Moro em Porto Alegre, tenho dois filhos, uma menina que vai fazer 11 anos e um menino de 5. Sou casada há 12 anos.

**Paixões** - A literatura e os meus filhos. Essas duas coisas, na minha vida, estão intimamente ligadas: os nomes dos meus filhos são Alice e Rodrigo, nomes bem literários. O Rodrigo veio do Capitão Rodrigo, de *O Tempo e o Vento*, do Erico Verissimo, e a Alice, do livro *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol.

**Livro** - Sempre cito o mesmo livro: *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

**Autor** - Jorge Luís Borges. Acho que é um grande autor universal. Um autor que eu sempre leio e releio.

**Trilha Sonora** - É complicado, porque eu gosto muito de música e tenho o gosto muito eclético. Hoje em dia, eu ouço muito Ana Carolina. Mas acho que seria o Chico Buarque. O Chico tem músicas para todas as ocasiões, para qualquer época da vida.

**Futuro** - Quero viajar muito ainda.

**Horas livres** - Nas minhas horas livres, gosto de ler.

**Presente** - Livros! Sempre livros. O que eu mais gosto em literatura, quando não estou lendo para o meu trabalho e sim por prazer, é literatura policial, para relaxar e sair da rotina. Eu tenho uma coleção da Agatha Christie.

**Escritora** - Quando eu entrei no curso de letras eu até pensava em escrever, mas eu desisti da idéia. O curso de Letras, pelo menos o que eu fiz, era muito exigente, os alunos acabavam achando que tudo que escreviam era uma porcaria. Talvez um dia, quem sabe. Gosto muito de escrever ensaios.

**Filme** - *Hair*, do Milos Forman.

**Eleições** - Voto há quase vinte anos no mesmo partido, o PT, e não pretendo mudar nesse momento.

**Unisinos** - A Unisinos para mim é o lugar onde eu consigo realizar as coisas de que gosto. Gosto de ser professora, é o que eu sei fazer melhor, e a Unisinos me dá essa oportunidade, de fazer aquilo que eu faço bem. Eu acho que é uma realização.

**Instituto Humanitas** - O IHU é um lugar onde eu fui sempre muito bem recebida, é um lugar que está sempre de portas abertas para as propostas que temos. Acho que é um lugar bem importante para a Universidade, principalmente para quem trabalha nessa área das questões humanistas, porque são questões que precisam ser sempre debatidas.

## Cartas do leitor

Imaginem que chego de São Paulo, no dia 22 de maio, do Seminário Internacional - "50 nos de Grande Sertão: Veredas e Corpo de Baile" e encontro a belíssima publicação de vocês, comemorando Freud - para mim, o gênio do século XX. E lá está minha entrevista - fiquei emocionada e estou muito, muito grata. Sei que já se foram três meses, mas tenho vivido um "sufoco", pois as comemorações relativas a Guimarães Rosa têm tomado quase inteiramente minha agenda (este e-mail ficou meses na caixa de rascunho para ser concluído... ). No entanto, aposto em que sempre é hora para agradecer. Minha gratidão, num abraço bem afetuoso, Márcia.

**Márcia Marques de Moraes**  
**Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada, professora na**  
**Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais**

Agradeço o exemplar da *IHU On-Line* (cujo tema de capa foi Pampa. Silencioso e desconhecido) enviado e parabênico pelo excelente trabalho e pela arte nele contida! Aqui na UFRGS, a informação sobre a revista está circulando!  
Obrigado e cordiais saudações,  
Roberto Verdum

**Roberto Verdum, geógrafo, professor do Departamento de Geografia da**  
**UFRGS**

Devo dizer que não me pareceu feliz a frase com que quiseram sintetizar minhas respostas (na edição na edição no.192 cujo tema de capa foi "Política, ainda é relevante?"): Com Lula onde ele estiver. As críticas que fiz a alguns aspectos do governo e minha não-militância partidária - trabalho na sociedade e nunca me aproximei do governo - não levam a supor tal absolutismo rígido, o contrário de minha posição, expressa em muitos textos.

Uma coisa é apoiar sua reeleição, outra um apoio incondicional e acrítico. Aliás, alguns subtítulos colocados entre as entrevistas me trouxeram uma curiosa sensação de uma opção ideológica de que quem as editou, consciente ou não, a ser desocultada com um pouco de malícia. Mas sempre é assim, como M. Jourdain, fazemos prosa sem saber. Só a arrogância tola de alguns analistas dos jornais e da TV é que os faz se pretenderem objetivos - e hoje não entendem os resultados das pesquisas e falam de um Lula "blindado"... Mas o bom de um debate destes é o pluralismo das opiniões, o que é profundamente democrático. Tenho o maior respeito por Chico de Oliveira, grande figura humana, independentemente de posições diferentes. Devo dizer que o IHU cumpre um grande papel, admiro como acompanha com rapidez o que se vai produzindo pelo mundo.

**Luiz Alberto Gómez de Souza, autor de *A utopia surgindo no meio de nós* (Rio de Janeiro: Mauad, 2003)**